



**Always ready for Operation
Now ready for Portugal**

GENERATION STEYR

O Ministério da Defesa de Portugal encomendou à Steyr-Daimler-Puch Spezialfahrzeug GmbH o fornecimento de 260 blindados de rodas e em 15 variantes diversas a fornecer às Forças Armadas terrestres e à Marinha portuguesas. O armamento inclui variantes com a torre Steyr PANDUR, dos quais 20 viaturas são anfíbias. Todas as viaturas são produzidas na versão 8x8 mm até ao Morteiro cal. 120 mm.



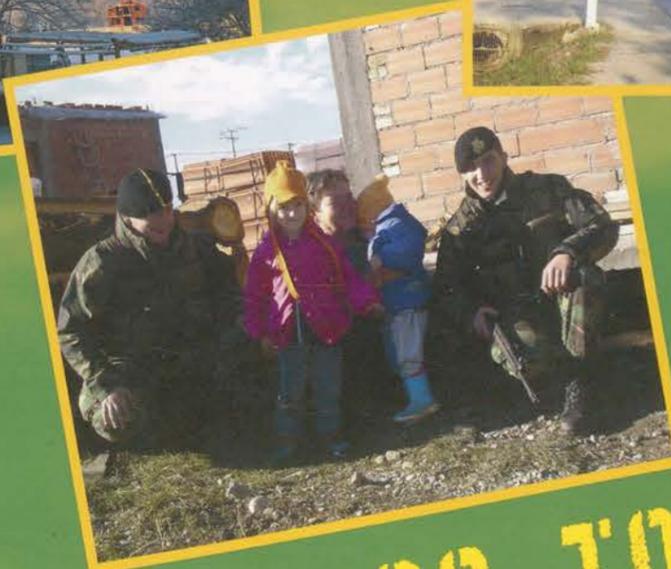
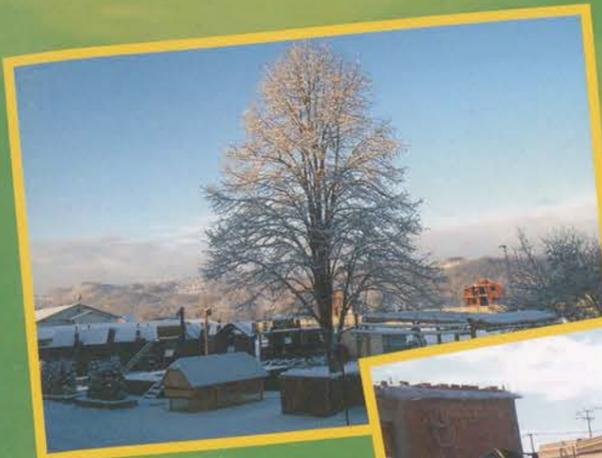
STEYR-DAIMLER-PUCH
SPEZIALFAHRZEUG GMBH
A GENERAL DYNAMICS COMPANY
P.O.B. 100, A-1111 Vienna, Austria, Phone: +43-1-760 64
Fax: +43-1-769 81 49, Homepage: www.steyr-ssf.com



REVISTA

**da
CAVALARIA**

Revista Quadrimestral de Cavalaria | Outubro 2007 | 3ª Série | Ano V | Nº 13



**A CAVALARIA NO TEATRO
DE OPERAÇÕES DA
BÓSNIA-HERZEGOVINA
(1996-2007)**

Sumário

■ Palavras do Director Honorário da Arma _____	3
MGen Luís Miguel de Negreiros Morais de Medeiros	
■ Editorial _____	4
TCOR Cav Miguel Freire	
■ Linha Editorial _____	5
■ «O ERec/RC6/BLI/SFOR no teatro de operações da Bósnia-Herzegovina (12JUL98 a 09JAN99)» _____	6
TEN COR Cav Manuel Lapa	
■ «A minha experiência no ERec/Agr ECHO (2000-2001)» _____	12
CAP Cav Paulo Serrano	
■ «Comandante de Pelotão» _____	16
CAP Cav Pimenta	
■ «Sargento de Pelotão no Esquadrão de Reconhecimento/Agr ECHO» _____	20
SAJ Cav Paulo Augusto	
■ «Atirador-Explorador no Esquadrão de Reconhecimento Agr ECHO» _____	23
Ricardo José de Sousa	
■ «O Comando do Multinational Battle Group» _____	25
COR Cav Luís Villa de Brito	
■ «O Agrupamento GOLF no Teatro de Operações da Bósnia-Herzegovina (30Jul03 a 23Jan04)» _____	30
COR Cav Luís Fonseca	
■ «Resenha Histórica do Agrupamento GOLF» _____	40
SMOR Cav José Liberato	
■ «O Esquadrão de Cavalaria do Agr GOLF/BMI/SFOR (Jan2003 a Jan2004)» _____	42
MAJ Cav Celso Vaz	
■ «O Grupo de Carros de Combate na Bósnia-Herzegovina no 1.º Semestre de 2006» _____	45
TCOR Rui Ferreira	
■ «Esquadrão de Apoio da Componente PRT (BrigMec)/MNTF (N)/EUFOR» _____	52
CAP Cav LUÍS SILVA	
■ Livros /Artigos /Revistas / Sites _____	54
■ Resenha de Actividades das Unidades _____	58
■ Promoções/Nomeações/Óbitos _____	66

■ FICHA TÉCNICA

Propriedade

Associação Revista da Cavalaria

Director

TCOR Miguel Freire

Chefe de redacção

MAJ Jorge Henriques

Redacção

CAP Pedro Ferreira
TEN Paulo Fernandes

Revisão

TCOR Miguel Freire
MAJ Jorge Henriques

Contactos

Associação Revista da Cavalaria
Regimento de Lanceiros N.º 2
Calçada da Ajuda
1349-054 Lisboa
E-m@il:
revistadacavalaria@gmail.com

Execução gráfica

SOARTES - artes gráficas, lda.

Depósito Legal

203499/03

Palavras do Director Honorário da Arma

O Director da Revista pediu-me que dirigisse algumas palavras para este número. E porque a Revista da Cavalaria é, e continuará a ser, o local privilegiado para tratar os assuntos da Cavalaria, quero expressar o muito orgulho e o quanto me sinto honrado pela recente nomeação para as funções de Director Honorário da Arma de Cavalaria a título transitório, podendo assim dar o meu contributo para a preservação das tradições e do espírito de corpo da Arma que me acolheu há mais de 34 anos.

Decidiu a Direcção da Revista escolher como tema desta edição a participação da Cavalaria no Teatro de Operações (TO) da Bósnia-Herzegovina. Trata-se, sem dúvida, de uma boa escolha pois permite o registo histórico da actuação de Subunidades de Cavalaria, no âmbito da NATO e da União Europeia, naquele TO.

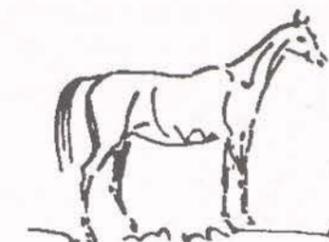
MGEN LUÍS MIGUEL DE MEDEIROS
Director Honorário da Arma de Cavalaria.



Luís Miguel de Negreiros Morais de Medeiros
MGen

Permite também partilhar as experiências vividas, pelos testemunhos dos Cavaleiros que ali actuaram em variadas funções (quer no comando de *Multinational Battle Groups*, de Agrupamentos e de Esquadrões, como em outras funções) num tipo de missões bem diferente daquelas em que no passado a Cavalaria foi chamada a actuar. É através destes testemunhos que podemos melhor compreender como em diferentes ambientes operacionais e cumprindo novas missões, as actuais gerações de Cavaleiros, com a sua generosidade e sobretudo com o seu querer, continuam a honrar as tradições da Cavalaria dando continuidade ao legado histórico dos que nos antecederam.

Neste ano de 2008 inicia-se o processo de distribuição das novas viaturas PANDUR 8x8 e dos CC LEOPARD 2A6, e compete a todos nós, que hoje damos corpo à Arma de Cavalaria, com profissionalismo e espírito cavaleiro contribuir para o seu sucesso.



Editorial

A CAVALARIA PORTUGUESA NA BÓSNIA

No ano de 2007 a participação de Portugal no Teatro de Operações da Bósnia com Unidades de Escalão Batalhão (UEB) terminou. Restam agora, e apenas, alguns elementos destacados em *Liasion and Observation Team (LOT)*.

De 1996 a 2007, ou seja, desde o início na Operação "*Joint Endeavour*", liderada pela NATO e cuja execução foi cometida à *Implementation Force (IFor)*, para um ano depois dar lugar à Operação "*Joint Guard*" cometida à *Stabilization Force (SFor)*, ainda sob liderança da NATO para, a 2 de Dezembro de 2004, ser passado o testemunho da NATO à União Europeia (UE) que liderou, a partir desta data, a Operação "*Althea*", Portugal participou ininterruptamente com uma UEB.

A participação das Forças Armadas Portuguesas no Teatro de Operações (TO) da Bósnia-Herzegovina em 1996 foi a primeira participação de grandes dimensões que se prolongou por um período sustentado, numa geografia desconhecida e numa operação mandatada pela comunidade internacional para cumprir objectivos de organizações

internacionais a que Portugal pertence. Este empenhamento no TO da Bósnia constituiu o baptismo em operações reais de toda uma geração de quadros das Forças Armadas que já não tinham ido a África e cujo esforço de treino e formação apontava para o emprego em operações convencionais, algures no centro da Europa contra um igual, o exército do Pacto de Varsóvia. Por isto, a participação nestes sucessivos anos constituiu uma extraordinária oportunidade que o Exército soube não perder para se transformar, principalmente na experiência e formação dos seus militares, já que tirando alguns equipamentos rádio e alguns artigos do equipamento individual do combatente, todo o armamento e viaturas blindadas de rodas continuaram a ser aquelas que já tinham equipado as sucessivas gerações que combateram em África.

A Bósnia acabou por não ser um TO muito escolhido para unidades de Cavalaria, apesar das viaturas que equiparam as unidades projectadas se encontrarem, nessa altura, exclusivamente, em unidades de Cavalaria. Com certeza que não é o equipamento nem as viaturas que fazem a Cavalaria, mas sim a forma como estão organizadas e a doutrina que empregam. Nesta matéria as Unidades de Reconhecimento e de Polícia Militar mostravam-se particularmente

adequadas. Mas, na realidade, só as unidades de Infantaria têm organicamente os efectivos necessários para garantir a presença suficiente e colocar "*boots on the ground*", como agora se diz. Claro que tudo isto acabou por ser adulterado, e, na Bósnia, paraquedistas, infantes e cavaleiros (e quem não era, foi convertido em tal), todos cumpriram as mesmas missões com os mesmos equipamentos.

Das vinte e duas UEB que o exército mobilizou ao longo destes onze anos, apenas duas foram mobilizadas por unidades de Cavalaria – o Agr Golf, em 2004, e a Componente Portuguesa da MNTFN da EUFOR, em 2006, – ambas pelo então Regimento de Cavalaria Nº4. Ou seja, apenas 9% das UEB projectadas foram de Cavalaria. Parece pouco para uma arma de manobra cuja orgânica e doutrina se mostravam adequadas para este tipo de missões. Contudo, reflecte praticamente a relação de UEB de Cavalaria no então universo de UEB que as Brigadas conseguiam projectar (1 de Cavª para 8 de Infª). Houve ainda dois esquadrões que integraram dois agrupamentos: o ERec/RC6 no Agrupamento ALFA (1998) e um ERec/RC4 no Agrupamento ECHO (2001).

Mesmo assim, a Direcção da Revista da Cavalaria decidiu dedicar o último número de 2007 ao

emprego da Cavalaria portuguesa neste TO. O objectivo foi, passando a pena para quem cumpriu as missões, compilar uma amostra, tão abrangente quanto possível, do legado operacional e histórico das sucessivas unidades de Cavalaria ou com comando de Cavalaria que contribuíram neste esforço nacional para a paz nesta parte da Europa e, conseqüentemente, para toda a Europa.

Procurámos o contributo em todos os escalões: dos Oficiais Comandante de Agrupamento, Comandantes de Esquadrão, Comandantes de Pelotão; dos Sargentos Adjunto Administrativos, Sargentos de Pelotão, Operações e Reabastecimento; e também das Praças. Fizemos os nossos contactos para que este número fosse o mais rico e abrangente possível. Nem todos responderam, mas os que o fizeram, fizeram-no de forma sincera e cada um à sua maneira. Ainda fomos tentados a dar um carácter uniforme aos artigos pois gostaríamos de sistematizar as lições aprendidas nos diversos escalões e nas diversas funções, mas isso acabaria por retirar toda a riqueza da diversidade de escrita e sensibilidades que os nossos colaboradores tiveram.

Os artigos publicados dizem respeito a unidades constituídas, mas importa aqui destacar o contributo de oficiais e sargentos de Cavalaria que a título individual integraram estados-maiores de diferentes unidades nacionais ou internacionais.

Este número deixou-nos a mesma ideia para um outro TO também já terminado: Timor-Leste.

Linha editorial

Para os próximos números os temas serão:

Nº	Mês da Publicação	Data limite de entrega	Tema
14	Março '08	15 Março '08	O regresso às Viaturas Blindadas de Rodas.
15	Julho '08	30 Junho '08	Leopard 2A6, um novo cavalo de guerra.

Os artigos não deverão ultrapassar as 3500 palavras e, sempre que possível, acompanhados de fotografias, mapas ou outras imagens que o autor entenda convenientes.

Independentemente do tema central a Revista mantém fixas as seguintes secções:

- Editorial
- Correio do Leitor
- Livros - Artigos - Revistas - Sites
- Resenha de Actividades de Unidades

publicidade



Rioquímica
Produtos Químicos de Manutenção Industrial, Lda.

FABRICA E COMERCIALIZA:

Aditivos • Anticorrosivos • Decapantes
Desengordurantes • Desincrustantes
Desoxidantes • Detergentes
Dissolventes • Isolantes
Revestimentos
Sabonetes Líquidos
Solventes Especiais
Toalhas Mesa • Ceras • Shampôs

Elospark Edifício 14 – Estrada da Barrosa Algueirão
2725-193 Mem Martins
Tel.: 21 926 72 70 – Fax: 21 926 72 78

O ERec/RC6/BLI/SFOR no teatro de operações da Bósnia-Herzegovina (12JUL98 a 09JAN99)

1. ANTECEDENTES

Pode dizer-se que o ERec/RC6/BLI/SFOR, foi a primeira Unidade de Cavalaria a cumprir uma missão de Operações de Apoio à Paz, ao ser uma das subunidades do Agrupamento ALFA/BLI/SFOR.

Esta decisão surpreendeu pois não existiam indicadores de que tal estivesse previsto. Nesta data o RC6 tinha como Encargo Operacional o Comando do ERec e 1 PelRec. Após esta decisão, todo o Regimento se mobilizou para garantir os Oficiais, os Sargentos e as Praças

quando às especialidades pretendidas. Apesar das naturais dificuldades sentidas, pois era a primeira vez que tal situação ocorria no RC 6, na então Brigada Ligeira de Intervenção (BLI) e mesmo na Cavalaria, o ritmo imprimido na organização, instrução e treino foi de tal ordem que, quando chegámos ao Regimento de Infantaria 13, em 30MAR98, tivemos que "marcar passo", para que se harmonizasse o nível de instrução e formação do Agrupamento.

No dia seguinte à chegada ao RI13, antes de iniciarmos qualquer actividade, foi determinado que o Pelotão de Polícia do Exército ficaria integrado no ERec e, de forma similar, o Pelotão de Morteiros ficaria integrado na Companhia de Atiradores (CAT). A partir desta data o ERec passou a ter 101 militares.

Mais que um contra-tempo, esta situação foi um desafio, pelo menos para mim. Se mal entendidos houveram, não passaram disso, pois os protagonismos, porventura esperados, deram lugar ao natural cumprimento das indicações superiormente recebidas. Refiro apenas que, para fazer sentir que conhecia tão bem qualquer militar do Pel PE como todos os militares que tinham vindo comigo do RC 6, apenas tive de saber tratar pelo nome todos os militares do Pel PE, na primeira formatura em que efectivamente integraram o Esquadrão.

necessárias à constituição da força, num total de 80 militares (foram retirados 2 militares em relação ao número inicialmente previsto). Julgo que foi aqui que definitivamente percebi o significado da "2.ª especialidade", pois de imediato se iniciou a instrução e o treino necessários à formação das Praças, para que tivessem o conhecimento ade-

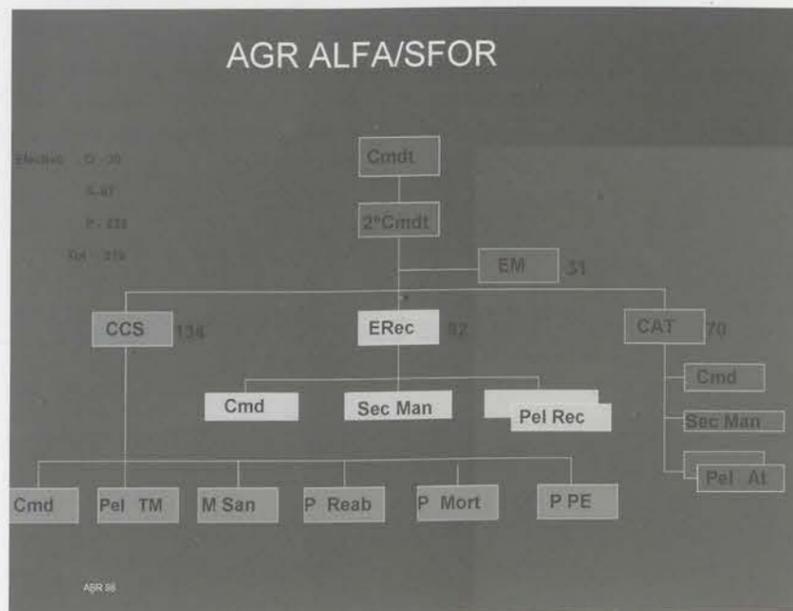
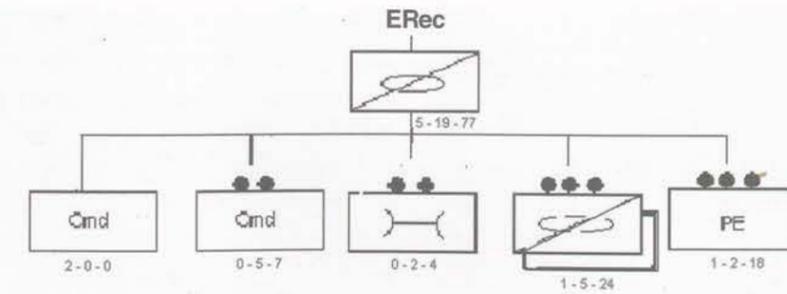


Fig 1: ORGANOGAMA DO AGR ALFA

O Regimento de Cavalaria 6 (RC6) recebeu a missão de iniciar o aprontamento do ERec para a missão no Teatro de Operações (TO) da Bósnia-Herzegovina (BH), em 07JAN98.

TEN COR Cav MANUEL LAPA
RC6



Fig_2 - ORGANOGAMA DO EREC SFOR

Pode dizer-se que a restante preparação decorreu com normalidade, tendo os primeiros militares do ERec partido para o T O da BH em 02JUL98. Em 13JUL98 o ERec estava, na totalidade, pronto a iniciar a sua missão.

2. ESPECIFICIDADE POLITICO-MILITAR DA AOR NESSE PERIODO

A SFOR atingiu um pico de 36.000 militares em 1998, por ocasião do período eleitoral, tendo-se verificando depois uma redução gradual de forças.

O AGR ALFA cumpriu a missão de Julho de 1998 a Janeiro de 1999. Este período coincidiu com

as eleições na BH, que ocorreram em 12 e 13 de Setembro de 1998. Este acontecimento foi um dos marcos importantes da nossa missão, pois exigiu um grande empenhamento antes, durante e após as eleições.

A missão de força de quadrícula, iniciada pelos Batalhões/Agrupamentos Portugueses em 1996 na BH, passou a ser, a partir de 1999, a de Reserva Operacional Terrestre da SFOR.

O AGR ALFA cumpriu toda a sua missão como força de quadrícula, na área de operações então definida, tendo militares em Sarajevo (Núcleo de Apoio), em Rogatica e em Vitkovici.

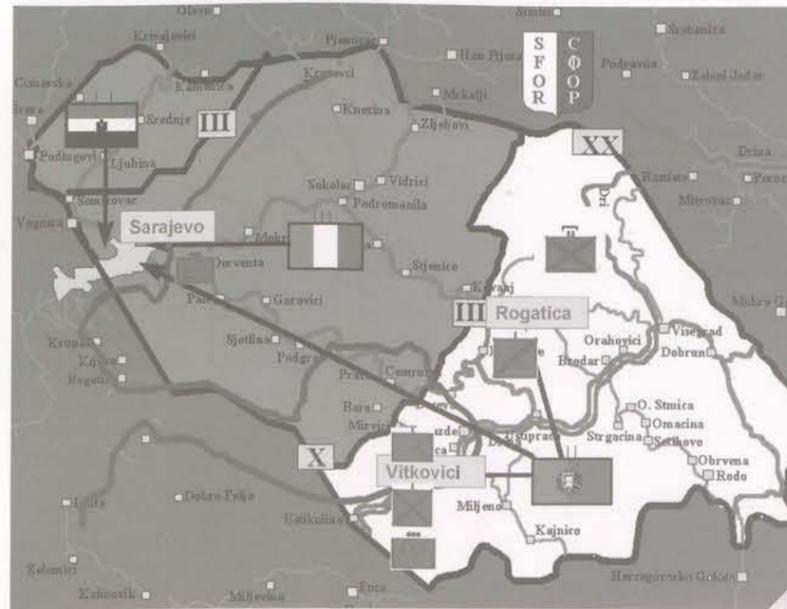


Fig 3: SECTOR DO AGR ALFA

3. ORGANIZAÇÃO DA SUBUNIDADE

A organização no período de aprontamento foi descrita em 1. Quanto à organização adoptada no TO, esta foi condicionada pela missão estabelecida e que era:

- Garantir a partir de ROGATICA e de ZAHRID o controlo do sector através de patrulhamentos e Postos de Controlo temporários com especial atenção aos Itinerários GREEN e VIOLET e os que atravessam a IEBL;
- Promover a segurança dos meios de transmissões da Brigada na região ROGATICA / ZAHRID;
- Garantir a Segurança das operações da IPTF e outras Organizações internacionais.

No aquartelamento de Rogatica, para além do Comando e Estado-Maior do Agrupamento e do Núcleo da Companhia de Comando e Serviços, estava o Comando do Esquadrão, a Secção de Comando, a Secção de Manutenção, um Pelotão de Reconhecimento e o Pelotão de Polícia do Exército a uma Secção

Em Zahrid estava um Pelotão de Reconhecimento e uma Secção do Pelotão de Polícia do Exército.

Durante os 6 meses promoveu-se as rotações necessárias, para que houvesse equilíbrio entre o tempo de permanência em Rogatica e em Zahrid

4. PRINCIPAIS DESAFIOS

Os desafios começaram a partir do dia em que se deu o primeiro passo para este caminho. Esta missão era a primeira para o ERec, para o RC 6 e para a BLI e era, ainda, a primeira para uma Unidade de Cavalaria. Rapidamente, e paralelamente,

relacionamento e o trabalho em equipa, quer no aquartelamento quer na execução das missões.

De toda a actividade desenvolvida no TO, as missões/tarefas desempenhadas com maior frequência foram as seguintes:

- Inspeccionar os locais de armazenamento de munições, explosivos e combustíveis;
- Controlo e patrulhamento de itinerários;
- Recolher e relatar informações sobre a atitude da população no sector;
- Garantir a segurança a Zonas de Aterragem;
- Garantir a segurança, a escolta e o transporte de Altas Entidades;

- Manter forças em reserva preparadas para intervir em qualquer ponto do sector, em caso de manifestações hostis, acidentes ou outros acontecimentos imprevistos;
- Monitorizar a nossa Área de Responsabilidade, prevenindo apoio à IPTF;
- Monitorizar os pontos quentes;
- Escoltas;
- Postos de Observação;
- Controlar o movimento sobre os pontos de passagem;
- Apoiar as Organizações Internacionais;
- Montar "check points" temporários;
- Missões em apoio à população;



Fig. 10: Missão de segurança a uma equipa informações - leitura do espectro electromagnético



Fig. 11: Posição preparada para V 200 - Zahrid

- Segurança a instalações;
- Verificações de acções das partes (instrução, transporte de pessoal...);
- Trabalhos de melhoramento das instalações.

Dentro dos 6 meses da missão, as operações de maior significado, tiveram a ver com: controlo de itinerários e de fronteiras, conjugadas, por vezes, com inspecções a depósitos de munições e/ou armamento; segurança, escolta e o transporte de Altas Entidades e segurança a locais de reunião das mesmas; Apreensão de material explosivo; Apoiar as inspecções da IPTF; Apoio e Segurança às acções de exumação de corpos; Segurança e acompanhamento das visitas de refugiados.

Entre todas as operações poderia destacar a exumação de corpos e a forma como os militares destacados para essa missão ficavam sensibilizados e até abalados. Terei, também, de destacar o empenhamento nas eleições em 12 e 13SET98. Direi que todo o mês de Setembro foi preenchido, directa ou indirectamente, com acções/tarefas relacionadas com as eleições, tais como:

- Reconhecimento de todas as "Polling Station" (inicialmente só forças do AGR ALFA);
- Posteriormente e antes das eleições, reconhecimento conjunto com patrulhas de uma companhia francesa que, como força de reserva, estava pronta a actuar em qualquer parte do nosso sector;
- Preparação para intervir nos diferentes locais;
- Acções diversas nos dias das eleições;
- Segurança na recolha e escolta aos boletins de voto;
- Acções posteriores às eleições.

Assim, as eleições e acima de tudo a expectativa das reacções aos resultados das mesmas, paralelamente à então imprevisível situação no Kosovo, faziam com que houvessem mais incertezas quanto ao futuro.

5. LIÇÕES APRENDIDAS

Não sei se direi que foram lições aprendidas, no mínimo foram algumas conclusões a que cheguei e das quais destaco as seguintes:

- Precaução e cuidados com os excessos de protagonismos, quer na preparação quer na missão;
- Normalização das atitudes e procedimentos de todos os comandantes a todos os níveis - Comandar pelo exemplo;
- Não agir por impulso nem sem comprovar o que se diz e o que se ouve;
- Gerir com cuidado e preocupação o esforço e o descanso do pessoal - Equilíbrio nas missões e no serviço interno;
- Preocupação constante na gestão da privacidade/solidão/saudade;
- Fomentar, continuamente, acções que possam contribuir para a ocupação dos tempos livres,

para a convivência e para um melhor conhecimento de todos entre si;

- Conseguir, rapidamente, que todos os graduados possam conhecer o máximo do TO.
- Executar continuamente as verificações e manutenção do operador, especialmente no que diz respeito a viaturas e armamento;
- Agir e exigir que todos, sem excepção, procedam de acordo com as regras estabelecidas, particularmente, no que diz respeito:
 - Atitude e postura da força;
 - Limites de velocidade;
 - Contacto com a população local;
 - Horários;
 - Regras de comportamento.
- Procurar fazer sentir que todos são importantes e fundamentais para o cumprimento da missão, cultivando a informação descendente.
- Actuar de forma a melhorar as condições das instalações e das comunicações com Portugal;
- Constituir o quadro orgânico das subunidades operacionais com uma organização ternária (3 pelotões e cada um com 3 secções);
- Procurar que em cada quatro praças, haja um graduado;

- O chefe de viatura ser sempre um graduado;
- Deverá haver um condutor por cada quatro praças;
- Ter viaturas adequadas ao TO.

Bem, para terminar vou socorrer-me de algumas palavras que tenho registado num reservado "Diário". Assim me transcrevo, referindo-me ao penúltimo e último dia da missão:

"Sinto um grande contentamento, uma grande satisfação pela forma como correu a nossa missão, a missão do ERec. Sinto e, fazem-me sentir, que realmente nos impusemos e que fomos e somos reconhecidos pela nossa capacidade, pelo nosso trabalho e pela nossa entrega... Agora, bem, agora creio que é o principio do fim de uma missão que me orgulho de ter cumprido mas, que me marcou fortemente pela ansiedade, pelo esforço e total entrega, mas acima de tudo pelo desejo de um final feliz. A minha satisfação fica materializada pela partida de TODOS os que vieram comigo."

Através destas palavras reconheço e felicito todos militares do ERec e do AGR ALFA, bem como todos os que directa ou indirectamente se empenharam na organização, preparação e apoio desta força.



Fig. 12: Esta foi a construção com última prioridade e que se destinou à estação de lubrificação de viaturas.

A minha experiência no ERec/Agr ECHO (2000-2001)

1. OS ANTECEDENTES DO APRONTAMENTO (UNIDADE MOBILIZADORA E CONDIÇÕES).

O Esquadrão de Reconhecimento do Agrupamento ECHO (ERec/Agr ECHO) foi constituído em Agosto de 2000. Naquela altura, o Agr Delta encontrava-se em missão no Teatro de Operações (TO) do Kosovo e dele fazia parte o ERec/ BMI. Face à necessidade de constituição de uma nova FND para render o Agr Delta, iniciou-se a constituição de um novo Agr da BMI, desta vez com base no 1º BIMec, e do qual fazia parte um Esquadrão que se denominou ERec/Agr ECHO.

O Esquadrão foi constituído por militares de várias Unidades de Cavalaria, pois naquela altura a grande parte dos quadros do Regimento de Cavalaria 4 (RC4) estava em missão no Kosovo, como referido anteriormente, havendo necessidade de fazer convites, fora do âmbito da BMI, para constituição de um Esquadrão. Após a fase de constituição do Esquadrão, a distribuição de militares relativamente às proveniências das diversas Unidades de Cavalaria foi a seguinte:

- RC4 - 46
- EPC - 13
- RL2 - 12
- RC - 7
- BAS/BMI - 3
- Pel PE/BMI - 8
- Esquadrão Lanceiros Norte (ELAN) - 12
- Total - 101

O aprontamento foi realizado no 1º BIMec (de AGO 00 a JAN01) e ficámos aquartelados nas instalações da 2ª CAtMec.

Relativamente aos meios materiais, as condições eram semelhantes às das preparações anteriores, ou seja, relativamente boas. Treinávamos com o denominado "lote de aprontamento", conjunto de viaturas que serviam para a preparação das várias FND. A proximidade que tínhamos ao RC4, possibilitou que sempre que houvesse situações mais críticas, pudéssemos "desenrascar" os assuntos de forma conveniente, o que não foi frequente pois o material existente à nossa disposição estava em boas condições e o pessoal do 1º BIMec revelou-se sempre precioso nas situações mais difíceis.

Em termos de meios humanos, o Agr ECHO estava bem servido em militares experientes. Da parte do Esquadrão, julgo que a oportunidade que foi proporcionada de

integração de militares de todas as Unidades de Cavalaria possibilitou a reunião de um conjunto de Sargentos e Praças de excelente nível.

Covém salientar que muitos das Praças e Sargentos tinham participado no Agr Bravo (no TO do Kosovo entre Ago99-Fev00), o que julgo que foi uma mais valia pois traziam alguma capacidade técnica e tática acrescida para o desempenho de muitas tarefas individuais e colectivas que iríamos executar.

Recordo, sobretudo, o excelente conjunto de Sargentos que o Esquadrão possuía. Os Pelotões eram formados por Sargentos com muita experiência e maturidade, e se por vezes o relacionamento pessoal era difícil, era uma tranquilidade nas alturas mais críticas pois todos sabiam o que valiam, sobretudo em operações.

2. A ORGANIZAÇÃO DA SUBUNIDADE PARA O CUMPRIMENTO DA MISSÃO.

O Agr ECHO desempenhou a missão de reserva terrestre da SFOR e estava aquartelado em Visoko. Inicialmente, ainda no aprontamento, havia dúvidas quanto ao tipo de missões que iríamos desempenhar no TO, receando que pudéssemos permanecer muito

tempo em Quartel, o que iria provocar saturação precoce e talvez alguns actos de indisciplina, mas tal não se veio a concretizar por vários motivos que irei abordar à frente.

Relativamente à organização, o Esquadrão estava organizado de acordo com o QOP/QOM para o TO do Kosovo e após a mudança de missão surgiram novos QOP/QOM que afectaram a organização. As alterações eram sobretudo ao nível do Cmd do Esquadrão (deixaríamos de ter organicamente a SecMan, etc). Apesar de algum tempo de indefinição, o Esquadrão continuou articulado da forma inicial (idêntica aos ERec do TO Kosovo) e foi assim que partiu para a BiH.

3. OS PRINCIPAIS DESAFIOS (MATERIAL, PESSOAL, TAREFAS)

Durante a fase de preparação a principal preocupação face à nova missão (reserva terrestre SFOR) era o tempo que eventualmente tivéssemos de passar em Aquartelamento, o que sabíamos que teria impacto no moral dos militares. Além desta preocupação, havia as atenções necessárias, e sempre presentes, com os conhecimentos técnicos e tácticos dos militares e instrução colectiva sobretudo das Secções e Pelotões para fazer face às diversas situações que são normais acontecerem naquele tipo de missões.

Relativamente à instrução individual, as preocupações eram idênticas a todas as preparações anteriores, com particular atenção ao aspecto de eventuais locais minados, pois a grande variedade de missões em locais desconhecidos seria uma preocupação, ao contrário das mis-

sões em sector em que existe a passagem de conhecimento das FND anteriores e o nosso próprio conhecimento adquirido no final do primeiro mês.

Relativamente ao material, teríamos de ter particular preocupação com as viaturas, pois ao contrário das missões em sector, iríamos ser projectados para locais afastados no nosso aquartelamento, efectuando muitas horas de condução e muitos quilómetros num só movimento.

Durante a preparação surgiu outro motivo de preocupação: o caso do urânio empobrecido. Várias reportagens da TV abordaram este problema o que causou impacto nas famílias dos militares que na altura estavam em missão no exterior, bem com às famílias dos militares do nosso Agr, que se estava a preparar para aquele TO. Lembro que na altura mais crítica sobre este assunto, o Agr encontrava-se a executar um exercício de aprontamento e estávamos aquartelados no Quartel da Pucariça/ Santa Margarida. Considero que o assunto foi muito bem conduzido pela parte do Cmd/ Agr, porque antes mesmo dos boatos normais nestas ocasiões, o problema foi abordado de forma simples e clara, não deixando espaço para temores ou dúvidas. De resto, as preocupações permaneceram apenas nos familiares, devido à exposição mediática do caso, mas não teve impacto nos militares do Esquadrão.

4. LIÇÕES APRENDIDAS (LIDERANÇA, APRONTAMENTO, OPERACIONAIS, C2)

A função de adjunto normalmente não é a de maior agrado para qualquer oficial, pois como é nor-

mal é na função de comando que nos realizamos. A minha anterior missão como comandante de Pelotão no Agr BRAVO obviamente auxiliou-me no desempenho desta função, pois julgo importante o adjunto ser o primeiro auxiliar dos Comandantes de Pelotão antes mesmo do Comandante de Esquadrão. Entendo o papel de adjunto para além do papel de condução das actividades logísticas num Esquadrão, como um apoio aos Comandantes de Pelotão (por ter, em princípio, mais experiência) e que muitas vezes pode ajudar a não serem colocados ao Cmdt de Esquadrão problemas que, no final de contas, nem sequer são dificuldades.

O Adjunto tem o papel "agradável" de aprender com os erros dos outros. Enquanto o Comandante de Pelotão (e também o Comandante de Esquadrão) aprendem com os próprios erros (pois são eles que decidem) o Adjunto tem a possibilidade de olhar para baixo (cmdts de pelotão) e para cima (cmdt de Esquadrão) e aprender com os erros cometidos por estes. Apesar de achar que é uma forma importante de aprendizagem, não é a mais completa pois só quando somos nós a errar damos o devido valor, no entanto, considero que também é importante aprender com os erros dos outros.

Face à escassez de oficiais subalternos que na altura existia em Santa Margarida (particularmente no RC4), normalmente os Comandantes de Esquadrão estavam habituados a desempenhar as suas funções sem o auxílio de Oficial adjunto. O que na altura julgava que eram defeitos de organização pessoal, aprendi, mais tarde, que de facto era um defeito causado pela própria organização. Os Comandantes de

Comandante de Pelotão

1. CONSTITUIÇÃO DO PELOTÃO

Como Aspirante Tirocinante, eu e o meu Curso de Cavalaria tivemos a oportunidade de efectuar uma visita à Bósnia para ver as actividades que se realizavam num Agrupamento em Operações de Apoio à Paz.

Nessa visita não fiquei muito impressionado com aquilo que vi, e antes de integrar o Agrupamento ECHO, sempre vi nas Missões de Apoio à Paz apenas uma oportunidade para alguns militares ganharem mais dinheiro.

Ao sair da Escola Prática de Cavalaria, como Tenente, e ao ir para o Regimento de Cavalaria Nº 4, pensava que poderia vir a desempenhar a função de Comandante de Pelotão de uma Unidade Operacional, considerando que ainda não tinha tido essa oportunidade e vendo nessa possibilidade algo de fundamental para qualquer Oficial do Exército Português.

Ao chegar ao RC 4, fui comandar o Esquadrão de Instrução. Por esse motivo, a oportunidade de ser Comandante de Pelotão pareceu diminuta, algo que só poderia fazer ao integrar uma Missão de Apoio à Paz.

No entanto a oportunidade surgiu. E foi então que embarquei nesta "aventura", estabelecendo objectivos para o meu Pelotão bem acima da média, algo que todos os Comandantes de Pelotão deveriam fazer.

Posso dizer que fui um privilegiado em relação aos militares que tinha no meu Pelotão.

Antes de integrar o ERec/AgrECHO, sendo eu Comandante do Esquadrão de Instrução, acompanhei muitos dos militares que tive no Pelotão, desde a sua entrada nas fileiras como soldados recrutados até ao Juramento de Bandeira. Tive ainda a oportunidade de poder levar aqueles militares que me davam garantias de cumprirem os objectivos que eu tinha estipulado.

Para além deste facto, posso dizer que tive a sorte de ter sido acompanhado por alguns militares,



ao nível do Comando do Esquadrão, que já tinham experiência neste tipo de missões e a eles deixo o meu reconhecimento e agradecimento.

2. APRONTAMENTO

O aprontamento caracterizou-se a dada altura por alguma incerteza pois o Agrupamento ECHO começou a sua preparação para ir render o Agrupamento DELTA no Kosovo, mas a nossa missão acabou por passar



CAP Cav PIMENTA

para o Teatro de Operações da Bósnia.

Foi um dos problemas que se sentiu ao nível do Agrupamento, reflectindo-se ao nível do Esquadrão e Pelotões. As famílias dos militares, influenciadas pela campanha informativa, abalaram um pouco aqueles que, ao integrar o Agrupamento, disseram (e muitos cumpriram o seu lema) "QUE MEDOS NÃO TEMIAM".

Nesta altura surgiram, ao nível do Pelotão, alguns problemas que, com o espírito de corpo que já nos unia, se foram ultrapassando.

Ao nível da organização do Agrupamento tiveram de ser feitas algumas alterações, sendo o ERec/AgrECHO reforçado com mais um Pelotão de Reconhecimento e a Companhia de Apoio com um Pelotão de Morteiros.

Tive alguns problemas com militares que, já tendo estado em missões, consideravam não ser necessário fazer outra preparação, à semelhança de todos os restantes camaradas. Por outro lado também tive que propor a dispensa, aceite pelo escalão competente, de um elemento do meu Pelotão. Foi algo que muito me custou, mas considerei, reforçado pelos pareceres dos Sargentos do Pelotão, que o referido militar não se enquadrava no perfil



exigido para integrar uma missão tão delicada.

A preparação do Agrupamento, na minha modesta opinião, foi a ideal. A preocupação de aprontar as unidades foi levada muito a sério pelo facto da preparação se ter iniciado com o intuito de irmos para o Teatro de Operações do Kosovo. Como fomos para a Bósnia, fomos com um espírito muito mais aberto para os diversos tipos de operações que poderíamos realizar. Este facto em muito se deve aos comandantes de Esquadrão e de Companhia, mas também ao Estado-Maior do Agrupamento na pessoa do seu Comandante.

3. ORGANIZAÇÃO

O Pelotão consistia num efectivo de 25 militares, articulados em: Secção de Exploração a duas esquadras, equipada cada uma com uma Chaimite e um Jeep UMM equipada com míssil Millan; uma Secção de Atiradores equipada com uma Chaimite; e um Jeep UMM para o Comandante de Pelotão.

Uma das coisas que alterei logo foi a viatura do comandante de pelotão, passando eu a andar na Chaimite dos Atiradores, de forma a dar o exemplo, visto não ser nada confortável fazer patrulhas nesta viatura.

Quando tínhamos que efectuar patrulhamentos articulava o Pelotão em três equipas, uma por cada Esquadra de Exploração, eu e a Secção de Atiradores.

Fomos confrontados à nossa chegada, com o mau estado das viaturas Chaimite. Como cavaleiros que somos, e dada a importância que damos às nossas viaturas, o seu estado de operacionalidade constituiu à partida o nosso primeiro cavalo de batalha. Tudo foi feito, e bem feito, de forma a que as nossas velhinhas Chaimites pudessem



Sargento de Pelotão no Esquadrão de Reconhecimento/Agr ECHO

Camaradas, respondendo a um desafio feito pela Direcção da Revista da Cavalaria, venho dar o meu humilde contributo do que foi a minha experiência da participação no Teatro de Operações (TO) da Bósnia-Herzegovina como Sargento de Pelotão, no ano de 2001 integrado no Agrupamento ECHO/SFOR.

No 2º Semestre de 2000, a Brigada Mecanizada Independente recebeu a missão de aprontar um Agrupamento para ser empregue no TO do Kosovo, tendo sido nomeado como unidade mobilizadora o 1ºBiMec, recebendo de reforço como uma das suas subunidades de manobra um esquadrão, levantado com os efectivos do GCC/RC4, tendo como Comandante, o Sr. Cap Cav Santana.

Numa fase inicial do aprontamento, eu estive em ordem de batalha com as funções de Sar Auxiliar, funções essas que quase não desempenhei porque fui nomeado para a frequência do Curso de Promoção a Sargento Ajudante.

Durante a fase de aprontamento houve uma alteração da missão dada ao Agr ECHO, este não seria

empregue no TO do Kosovo mas sim projectado para o TO da Bósnia-Herzegovina em que os Batalhões e Agrupamentos Portugueses tinham como Missão:

- (1) O AGR ECHO/SFOR constitui a Reserva Operacional (Componente Terrestre) do COMSFOR e prepara-se para à ordem ser empenhado no todo ou em parte, em qualquer área do teatro de operações;
- (2) Prepara-se para ser empregue pelos meios terrestres e / ou aéreos, directamente no ponto de crise ou efectuando uma rendição da força em posição;
- (3) Prepara-se para ser reforçado até 02 Companhias da Reserva Táctica das Divisões Multinacionais.



Operação MAGPIE
MISSÃO: A Res Op emprega ERec de reforço, para constituição da reserva da MND (SE) na Operação MAGPIE.

Passámos a Reserva Terrestre do Cndt da SFOR, logo não tinham um sector atribuído, não tendo uma rotina diária dada pelas necessidades da missão como se verificava no Kosovo. Com a alteração da missão houve a necessidade de formar mais um Pelotão de Manobra e foi aí que fui integrado em Ordem de Batalha assim que me apresentei no Regimento de Cavalaria Nº4. Fui efectivamente muito bem recebido pelos meus camaradas Cavaleiros e Infantes, pelo que estou muito grato, não me sentindo ostracizado por ter chegado numa fase tão adiantada do aprontamento, muito pelo contrário, foi-me muito facilitada a integração na força. Em relação aos militares do Esquadrão conhecia a maioria muito bem, bem

como quase todos os militares do pelotão em que passei a desempenhar as funções de Sargento de Pelotão conhecendo a maioria dos graduados e muitos dos Cabos e Soldados, que eram de facto mais valias, porque a maioria tinha já cumprido missões anteriormente quer no TO do Kosovo quer no TO da Bósnia, tendo tido a honra de servir com alguns deles no Kosovo. Estivemos pouco mais de um mês juntos, cumprindo ainda algum treino operacional, o que foi óptimo para se poder criar um bom espírito de grupo necessário para o desempenho da missão.

Tivemos oportunidade de ter contacto com o material que iríamos utilizar na Bósnia, viaturas, armamento, equipamento e meios rádios (excepto os rádios Thompson) o que é sempre necessário. Não fizemos o tiro Individual, de Esquadra, de Secção e todas as tarefas de reacção que são necessárias a quando do empenhamento pelo fogo, automatismos que são fundamentais adquirir para quem vai para um TO. Este é um problema sobre o qual todos nos devíamos debruçar. Não foi culpa se não da falta de tempo, mas o tiro e todos os automatismos inerentes para se poder responder com eficiência a uma ameaça obrigam a um treino que não se vê ser implementado.

Chegado ao TO começou de facto a missão. O empenhamento diário como Reserva que éramos, não foi grande, efectuando-se serviços de segurança às instalações, sendo estes executados pelos pelotões de manobra. Efectuavam-se exercícios de familiarização com outras unidades do TO, nos mais diversos sectores trabalhando ou não directamente com essas unidades, permitindo dessa forma haver uma resposta mais rápida e eficaz

da reserva se esta tivesse de ser empenhada nesse sector. Quando isso não acontecia havia falta de um horário de instrução, que permitisse manter e melhorar o nível das Subunidades. Mais uma vez, ao tiro não me parece ter sido dada uma grande importância, pois este só foi feito numa fase em que a unidade já se encontrava há muito no TO (período em que estive de licença). Sei também que não é fácil chegar a um TO e ter reunido as condições necessárias para efectuar essa missão, talvez esse trabalho pudesse ser feito pela unidade que fomos render, parece-me que não há um trabalho de continuidade feito através dos tempos.

No que diz respeito aos desafios, esses de facto eram bastantes. Em relação às tarefas executadas no dia-a-dia dentro do Quartel de Visoko resumiam-se basicamente à segurança física como referi atrás. Quando éramos empenhados nos sectores atribuídos a outros países os desafios eram de facto muitos, mas os dois principais eram a língua e o conhecimento do terreno. Em relação ao último chegava a haver falta de cartas de áreas minadas, que na Bósnia são muitas. Em relação à língua, só nós é que falamos o Português. Essa não é bem uma realidade absoluta que pude constatar quando trabalhei com o Exército Francês, eles também têm quem o fale. Efectivamente a língua é um problema, já que nem todos os países que estavam no TO falavam inglês, verificando que esta ainda não é uma língua NATO. Os meios rádios não são compatíveis, o que levanta a questão se podemos ou não trabalhar em equipa aos mais baixos escalões, como aconteceu quando trabalhei com o Exército Espanhol. Os problemas de comunicação aconteceram devido



Treino com a OpRes (AIR)



Operação ATHENA 2.2
MISSÃO: A Res Op emprega ERec na SEGURANÇA da IPTF MOSTAR de 06 a 08Abr01.

ao equipamento e à língua e não nos encontrávamos sobre qualquer situação de stress recorrente da missão. Isto leva-me a falar de outro desafio, o material.

Relativamente ao equipamento individual, sem falar do armamento, penso que o Soldado em geral está bem equipado, poderíamos falar de pequenos pormenores, como por exemplo, as luvas para condições extremas não permitem fazer uma utilização fácil das armas ligeiras, ou a falta de uma bolsa para colocação de carregadores usados não fazer parte da dotação do combatente, mas isto são problemas facilmente resolvidos pelo combatente.

O colete balístico, este sim, apesar de conferir uma protecção adequada (por vezes não eram distribuídos os tamanhos correctos) não permite a colocação de qualquer equipamento, obrigando a utilização do material à cintura ou de um colete táctico que é envergado por cima deste e que por sua vez não pode ser adaptado à missão do Soldado.



Tiro Real em GLAMOC

No armamento individual, a Espingarda Automática G3 parece-me já um pouco desadequada para a missão pelos factores que passo a referir:

- O calibre, a grande capacidade de penetração, fogo fratricida, possibilidade de danos colaterais, todos os problemas que têm a ver com a logística/peso por homem que acarretam no seu transporte, pouca capacidade dos carregadores, etc.
- Ergonomia, não permite uma fácil resolução de interrupções de tiro, não permite uma rápida troca do carregador, o próprio municionar da arma não é uma tarefa rápida em comparação com a arma da possível ameaça. Não permite uma regulação em profundidade da coronha, não permitindo ajustar a uma posição de tiro mais confortável quando se enverga o colete balístico. Não permite uma utilização ambidextra e não permite a adaptação ao fuste de qualquer dispositivo, lanterna, designador laser, etc.

Numa visão global penso que a ameaça provável apesar de ter uma arma muito antiga é mais eficaz, é fiável e tem uma grande capacidade de transporte de munições o que permite uma utilização mais fácil. Acho também que a Esp. Aut. G3

não perdeu o seu emprego dentro da esquadra, deve ser atribuída a um militar mas deve ser revista a sua utilização.

A Pistola como arma de defesa e de recurso deve ser atribuída a todos os militares. Deve ser de fácil utilização e muito fiável. Por sua vez o coldre deve ter sistemas de retenção, mas permitir um saque fácil.

No que diz respeito ao armamento colectivo os militares continuam expostos aquando da sua utilização.

Em relação à dotação de munições é bastante pequena tanto para as armas individuais como para as colectivas, não tendo sido distribuídas quaisquer granadas de mão e penso que no mínimo as granadas de mão de fumos deveriam fazer parte da dotação individual, tal como dispositivos iluminantes. Equipamentos de Visão Nocturna devem fazer parte da dotação individual. Penso que facilitaria a missão ao Soldado se pudessem ser distribuídos bastões extensíveis e sprays atordoantes, material este que evitaria o recurso ao armamento para a resolução de situações mais críticas.

No que diz respeito às viaturas para quê falar do UMM e da velha Chaimite. É com alegria que recebemos no Quartel de Cavalaria as novas viaturas Pandur, é na verdade um grande salto qualitativo.

Para terminar os desafios do material, não podia deixar de falar das comunicações sempre muito difíceis ou quase impossíveis com o Posto de Comando, isto devia-se às distâncias com que por vezes se operava e à morfologia do terreno.

A nível do pessoal não se podia pedir mais, cumpriam as missões com alegria e vontade de bem servir apesar das limitações. Foram excepcionais. Falta de facto instrução de socorrismo avançado (Suporte Básico de Vida direccionado para o combate) a um elemento de cada secção e material suporte.

Não me queria despedir sem falar das lições aprendidas. Sobre o aprontamento, tive a sorte de ter um bom grupo de trabalho o que facilitou, de facto, ultrapassar as dificuldades que surgiam. O facto de o grupo ter, no seu todo, uma grande experiência facilitou o meu trabalho a nível de liderança, pois tive bons Comandantes de Secção, Cabos e Soldados com quem tive a honra de servir e que nunca me levantaram problemas à minha liderança.

Por fim há que reter alguns aspectos que acho importantes. Aquando da formação da Unidade em que não há muito tempo para fazer uma preparação adequada seria desejável fazer uma selecção de pessoal, se possível, já com experiência do TO e das funções que irá desempenhar.

Durante a missão as minhas principais preocupações eram a falta de cartografia actualizada de áreas minadas, meios rádios que nos permitissem contacto continuado ao PC, a falta de treino de tiro e automatismos relacionados com o empenhamento pelo fogo e por fim um elemento da Secção ter formação em Socorrismo (SBV).

A todos vós o meu sincero e profundo obrigado.

Atirador-Explorador no Esquadrão de Reconhecimento/Agr ECHO

Camaradas, como militar presente no Teatro de Operações da Bósnia-Herzegovina, quero deixar aqui o meu testemunho sobre a "Vida na Bósnia".

Tendo estado presente no Agrupamento ECHO e sendo a minha primeira missão de paz num Teatro de Operações, a ansiedade de partir era muita, mas também não escondo que a incerteza do que iria encontrar me preocupava, pese embora toda a instrução e informação que me chegou por parte do comandante de secção.

No dia da partida havia um sentimento muito contraditório: por um lado a vontade de partir para o Teatro de Operações, uma vez que, para isso andei em instrução durante quatro meses, por outro a angústia de deixar os familiares a muitos quilómetros de distância.

Quando o avião aterrou no aeroporto de Sarajevo, senti que a partir daquele momento tudo tinha que ser diferente e não tinha outra forma de ser, pois o que os meus olhos observavam era uma destruição total, algo que muitas vezes pensei que só na ficção existia.

Quando cheguei ao Aquartelamento situado em VISOKO deparei-me com uma fábrica cheia de

vestígios dos tiroteios e bombardeamentos durante a guerra e que no seu interior tinha tendas insufláveis nas quais iriam ficar 7 militares a "viver". As condições não eram boas, mas ao fim de uma semana nada disto me deixava abater, pois a camaradagem entre todos os militares era salutar porque só assim é que se conseguia ultrapassar as dificuldades do dia a dia.

O Agrupamento ECHO foi mobilizado pelo 1º BIMEC, no qual uma das unidades de manobra era formada por militares do Regimento de Cavalaria Nº4, onde o Agrupamento iria ficar como reserva da SFOR. As funções que me foram atribuídas eram de atirador explorador e condutor de CHAIMITE (condutor de reserva). Como reserva da SFOR o Agrupamento ECHO não tinha um sector atribuído, por isso no dia a dia havia pouco empenhamento (algumas instruções sobre o Teatro de Operações), embora houvesse diariamente o serviço de segurança feito pelos pelotões de manobra. O empenhamento era superior quando fazíamos familiarizações com unidades com um sector atribuído, porque fazíamos os patrulhamentos nesse sector.

Durante essas familiarizações constatámos que as outras unidades militares tinham equipamento superior e dispunham de instalações em

melhores condições. Nestas familiarizações ficámos com a certeza de que a CHAIMITE é uma viatura com pouca segurança na estrada e já muito velha, comparando com outras do mesmo tipo. O UMM é uma viatura que já foi boa, mas que também já está ultrapassada e "gasta".

Quanto ao equipamento individual penso que estávamos bem equipados, mas quero salientar que a Espingarda Automática G3 devido ao seu peso torna-se muito desconfortável.

Uma das maiores dificuldades resultava das comunicações por rádio: muitas vezes ficávamos sem comunicações. Outra das situações complicadas que encontramos foi a da persistência das crianças, porque a fome era muita e elas para conseguirem um pouco de comida colocavam-se à frente das viaturas durante o deslocamento e até nos semáforos tentavam entrar nas viaturas. Não olhavam a meios para conseguirem comida.

A camaradagem com as outras unidades militares era boa, embora houvesse dificuldades de comunicação: quase ninguém fala o Português e nem todos falam o Inglês. Mesmo assim quero salientar que não gostei de trabalhar com o Exército Alemão, uma vez que são militares um pouco frios e pouco comunicativos. Os habitantes de

RICARDO J. DE SOUSA ANTUNES
CADJ RC4

O Agrupamento GOLF no teatro de Operações da Bósnia-Herzegovina

(30Jul03 a 23Jan04)

1. ANTECEDENTES

a. No intuito de pôr cobro à violência inter-étnica que, a partir do início da década de 90 do século XX, irrompeu com grande intensidade na Bósnia-Herzegovina (BH), alcançando proporções alarmantes e ameaçando extravasar os limites territoriais, a comunidade internacional é impelida a intervir. Após inúmeras iniciativas diplomáticas frustradas e de uma actuação vacilante, atabalhoada e extemporânea da ONU, manifestamente incapaz de proteger as minorias étnicas, mediadores europeus e americanos, actuando concertadamente e num derradeiro assomo de firmeza, compelem as partes em conflito à assinatura, em NOV95, dos Acordos de DAYTON. Para forçar ao cumprimento dos aspectos militares dos Acordos, garantindo a cessação das hostilidades e a separação das partes, a NATO é chamada a intervir, ao abrigo da Resolução 1031 do CSNU de 15DEC95, colocando no terreno uma força multinacional de 60.000 militares denominada IFOR (*Implement-*

tation Force). No quadro da Operação "JOINT ENDEAVOUR", a força dispunha de organização e capacidades adequadas para, se necessário, "levar a efeito, por meio de forças aéreas, navais ou terrestres, a acção que julgar necessária para manter ou restabelecer a paz e a segurança internacionais" (art.º 42.º, Cap. VII da Carta das Nações Unidas). Um ano depois, seria constituída a sucedânea da IFOR – a SFOR (*Stabilization Force*) – mandatada através da Resolução 1088 do CSNU de 12DEC96 e, igualmente, nos termos do Capítulo VII da Carta, para na prossecução dos esforços da IFOR, prevenir o reacendimento do conflito e promover as condições necessárias à consolidação do processo de paz. A actuação da SFOR conheceria várias fases, fruto da avaliação da situação político-militar e da evolução do processo de paz na BH, conduzida periodicamente pela Aliança: a primeira entre 1996 e 1998, no âmbito da Operação "JOINT GUARD", com cerca de 32.000 efectivos; a segunda entre 1998 e 2002, na sequência da Operação "JOINT FORGE", que atingiu um pico de 36.000 militares em 1998 por ocasião do período eleitoral, ten-

do-se verificando depois uma redução gradual de forças; e a terceira e última fase, entre 2002 e 2004, até à transferência da responsabilidade da missão para a União Europeia, tendo o seu efectivo variado de 17.000 a 7.000 militares.

b. Honrando os compromissos assumidos no quadro das organizações de segurança e de defesa colectiva a que se encontra vinculado, o Estado Português, através do Governo e mediante o parecer favorável do CSDN, decidiu e pela primeira vez após o final da 1.ª Guerra Mundial, o emprego de forças militares do Exército num TO europeu. Deste modo, o Exército iniciou a sua participação em Operações de Resposta a Crises na região dos Balcãs, sob a égide da NATO. Da missão de força de quadrícula iniciada em 1996 na BH, primeiramente no âmbito da IFOR – mantendo uma presença regular no Teatro de uma Unidade de Escalão Batalhão (UEB) da ordem dos 800 elementos – e, posteriormente, no quadro da SFOR – envolvendo sucessivas UEB cujos efectivos rondaram os 300 militares – a Força Nacional Destacada (FND) passou, a partir de 1999, na sequência do processo de re-

COR Cav LUÍS FONSECA
CMDT RC6



BRASÃO DE ARMAS DO AGRUPAMENTO GOLF/RC 4/BMI/SFOR

Descrição

Escudo de negro, 4 moletas de ouro alinhadas em pala entre 2 baionetas de prata;
Elmo militar de prata, forrado de vermelho, a três quartos para a dextra;
Correia de vermelho perfilada de ouro;
Paquife e virol de negro e de ouro;
Timbre: um cavalo brinçã, sainte, sustendo o escudete da Brigada Mecanizada Independente;
Divisa: num listel de prata, ondulado, sotoposto ao escudo, em letras de negro, maiúsculas, de estilo elzevir "NÃO TEMO O QUE VIRÁ".

Simbologia

O negro do campo representa a cor da terra por onde a bravura e galhardia dos nossos antepassados trilhou o caminho da honra e da glória;

As moletas evocam as esporas de ouro, que após um feito de armas, solenemente eram entregues àqueles que, jurando não recear a morte, eram armados cavaleiros; são em número de quatro numa alusão ao Regimento de Cavalaria N.º 4, unidade responsável pelo aprontamento e organização do Agrupamento GOLF; o seu alinhamento, em pala, lembra a capacidade do emprego da força, articulada nas suas subunidades, assim como a justiça e imparcialidade postas na missão a cumprir;

As baionetas, armas destinadas ao combate próximo, aludem ao estoicismo do Infante; são em número de duas numa referência ao 2.º Batalhão de Infantaria Mecanizada, origem de uma das subunidades do Agrupamento;

O cavalo alude às características de mobilidade e protecção blindada dos materiais que equipam o Agrupamento;

O escudete da Brigada Mecanizada Independente representa a Grande Unidade mobilizadora do Agrupamento GOLF;

A divisa "NÃO TEMO O QUE VIRÁ", (Fernando Pessoa, Mensagem, poema de D. Fernando, Infante de Portugal), alude ao carácter da missão do Agrupamento GOLF e afirma a confiança no cumprimento da mesma.

Os esmaltes significam:

- O ouro, a nobreza de carácter do militar português e a firmeza na sua conduta;
- A prata, a humildade e franqueza no cumprimento da missão;
- O azul, a justiça no procedimento e a lealdade ao mandato recebido;
- O negro, a constância na adversidade e o senso necessário na acção.

visão da operação empreendido pelo SHAPE, a constituir a Reserva Operacional Terrestre da SFOR, directamente dependente do Comandante da SFOR (COMSFOR) e pronta a ser empregue em qualquer ponto do TO.

No final de 2002, na sequência de uma nova reestruturação do dispositivo da NATO nos Balcãs, a FND regressou, a partir de Janeiro de 2003, à missão de força de quadrícula. Na nova configuração, o contingente Português passou a estar subordinado a um *Multinational Battle Group* (MNBG) composto por duas UEB, uma de nacionalidade polaca e outra portuguesa, sendo o comando da força rotativo entre as duas nações.

Ao MNBG, na dependência da *Multinational Brigade North (US)* [MNB (N)], cujo QG se localizava em TUZLA, foi atribuída uma área de responsabilidade (AOR) na região de DOBOJ, no norte da BH. A UEB portuguesa passaria a integrar ainda uma Companhia Eslovena sob controlo operacional.

2. CONSTITUIÇÃO E APRONTAMENTO DA FORÇA

a. Através da Directiva N.º 08/CEME/03, o CMSM/BMI foi incumbido da missão de organizar e aprontar no 1.º semestre de 2003, uma UEB, a projectar para o TO da Bósnia-Herzegovina em JUL03. Por sua vez, o CMSM/BMI, cometeu essa missão ao RC 4. Assim, em 13JAN03, teve início o processo de constituição da UEB em apreço, tendo, por despacho de S. Ex.ª o General CEME, o Tenente-Coronel de Cavalaria, Luís Nunes da Fonseca, sido nomeado Comandante do Agrupamento GOLF/BMI/SFOR, a fim de cumprir a missão da FND, no Teatro de Operações da BH, no 2.º semestre de 2003. A organização do Agrupamento GOLF, com um efectivo de 275 militares (26 Oficiais, 57 Sargentos e 192 Praças), era a que se indica:

(1) Comando e Secção de Comando;





- (2) Esquadrão de Apoio (constituído com base em efectivos da BMI e do RC 4);
- (3) Esquadrão de Cavalaria (constituído com base em efectivos do GCC, ERec e RC 4), com 03 Pelotões de Atiradores de Cavalaria;
- (4) Companhia de Atiradores (constituído com base em efectivos do 2.º BIMec e da ZMM), com 03 Pelotões de Atiradores.

Os militares do sexo feminino, em número de 11 (2 Sargentos e 9 Praças), constituíram 4% do efectivo do Agr GOLF. Cerca de 1/3 dos militares do Agrupamento haviam cumprido, anteriormente, outras missões em forças nacionais destacadas.

b. O Agrupamento GOLF iniciou a sua preparação em 13JAN03 no RC 4, unidade mobilizadora cuja missão era apoiar administrativa e logisticamente o



aprontamento da força e sustentá-la quando em missão no TO. Nos seis meses seguintes, foi patente uma preocupação de conduzir o Treino Operacional da força com realismo, dureza e vivacidade, observando escrupulosamente as normas e medidas de segurança vigentes, de molde a conferir aos militares a preparação táctica, técnica e linguística, bem como a robustez física e psicológica, necessárias à vivência em condições de campanha e ao desempenho proficiente das tarefas orgânicas e de carácter operacional, em ambiente multinacional. Foi dada ênfase ao aperfeiçoamento da técnica de combate individual, à prática da língua inglesa, à actuação colectiva em operações convencionais, de contra-subversão e de apoio à paz e ao emprego adequado dos meios de apoio de combate e de serviços disponíveis no TO. O aprontamento decorreu essencialmente, em três fases, de progressiva intensidade e exigência ("gatinhar – andar – correr"):

(1) 1.ª Fase, de Nivelamento, com a duração de 4 semanas, base de partida fundamental para a prossecução do aprontamento dada a heterogeneidade da força, com a finalidade de rever e harmonizar os conhecimentos e aperfeiçoar a técnica individual. Orientado em duas vertentes, o nivelamento dos Quadros e das Praças incidiu em matérias como o Armamento e Tiro, Informação e Contra-Informação, Topografia, Defesa NBQ, Transmissões, Sapadores, Saúde, Higiene e Primeiros Socorros, Educação Moral, Cívica e Militar, Instrução Individual

do Combatente e Técnica e Tática de Unidades Elementares de Infantaria, tendo, no final, sido conduzida uma avaliação individual;

(2) 2.ª Fase, de Procedimentos Tácticos e Exercícios de Combate Padrão, com cerca de 7 semanas de duração, visando ministrar o Treino Operacional de nível Secção, Pelotão e Esquadrão, com prioridade para as tácticas e técnicas no âmbito das Operações Convencionais. Além das matérias iniciadas na 1.ª Fase, foram ministradas outras como a Condução de VBTP CHAIMITE, Engenharia, Instrução com Helicópteros, Tática e Operações de Infantaria, Técnica e Tática de Morteiro Médio 81 mm e Controlo de Tumultos. Nesta fase foram conduzidas avaliações de Secção e Pelotão, tendo o Agrupamento participado, no final, nos exercícios "MOSQUETEIRO 031" e "ROSA BRAVA 031".

(3) 3.ª Fase, de Treino Orientado para a Missão, durante 12 semanas, destinado a ministrar o Treino Operacional de nível Esquadrão/Companhia e Agrupamento, tendo sido direccionado o esforço para o Combate em Áreas Edificadas e para as Operações de Resposta a Crises, em particular as Operações de Apoio à Paz (OAP). Neste âmbito, praticaram-se as Regras de Empenhamento, exercitou-se o Apoio de Serviços em OAP, procurou-se desenvolver a capacidade de Planeamento, Comando e Controlo e Conduta das Ope-

rações, bem como a Cooperação Aeroterrestre e intensificou-se a prática de procedimentos em Língua Inglesa e os procedimentos de Segurança Individuais e Colectivos. A culminar esta fase o Agrupamento GOLF tomou parte nos exercícios "MOSQUETEIRO 032" e "DOBOJ 031", tendo, neste último, sido objecto de uma avaliação operacional (OPEVAL) conduzida pela IGE.

c. Obviamente, a condição física dos militares não foi descurada, tendo sido aplicado um programa de Treino Físico bastante diversificado, que incluiu sessões de GAM, MARCOR e Combate Corpo-a-Corpo, bem como a execução do "Slide" e de diversas técnicas de "Rappel" na Tapada de Mafra. Igualmente, foi praticado o Tiro com o armamento individual (espingarda-automática G-3 e pistola WALTHER) nas modalidades de Precisão, Instintivo e de Combate. Foram também realizadas, em carreira de tiro (Mafra e Santa Margarida), pistas de tiro de combate ao nível Individual, de Secção e de Secções (fogo e movimento) empregando munição real. No decurso da Sessão de Fogos Reais, foi executado o tiro com todo o tipo de armamento colectivo e de bordo (metralhadora ligeira MG-3 7,62 mm, metralhadora ligeira BROWNING .30", metralhadora pesada BROWNING 12,7 mm), o tiro de morteiro médio 81 mm, efectuado o lançamento de granadas de mão (ofensivas e defensivas), bem como o disparo

de lança-granadas HK-79 40 mm, de lança-granadas foguete M72A2 66 mm (LAW) e de míssil ACAR MILAN.

d. Foi ainda concretizado, na íntegra, o Plano de Estágios e Acções de Formação, cuja frequência pelos militares do Agrupamento, veio acrescentar novas e importantes valências ao conjunto das suas capacidades globais. Destacam-se entre outros: o Planeamento de Segurança e Protecção de Altas Entidades, o HUMINT e as Operações Psicológicas, o Socorrismo de Campanha e o Socorrismo Avançado, a Evacuação Aérea, o Transporte de Cargas por Helicóptero, a Preparação de Cargas e Abastecimento Aéreo, o Serviço Postal Militar, as Operações de Terminal, a Condução de Viaturas Pesadas, a Gestão de Stress em Campanha e a Prática de Língua Inglesa.

e. Em síntese, o aprontamento decorreu com fluidez e sem sobresaltos, em conformidade com o planeado, tendo sido integralmente cumpridos todos os objectivos delineados. Para tanto, foram determinantes os apoios prestados, em especial, pelo Comando da BMI/CMSM e pelo RC 4 que, desde o início, disponibilizaram os meios necessários e diligenciaram, prontamente, no sentido de superar os desafios e solucionar os problemas, em ordem a proporcionar ao Agr GOLF as condições necessárias a uma preparação cuidada e abrangente.

f. Concluído o aprontamento em 27JUN03, o Agrupamento recebeu o Estandarte Nacional em cerimónia a 30JUN03, tendo passado a estar, desde a mesma data, sob Comando Operacional do COFT.



3. PROJEÇÃO DA FORÇA PARA O TO E TRANSFERÊNCIA DE AUTORIDADE

Durante o mês de Julho de 2003, o Agr GOLF marchou por via aérea, em 3 escalões, para o TO da Bósnia-Herzegovina, tendo o grosso da força embarcado na terceira leva, a 28JUL03.

Em 30JUL03, no Campo DANNEVIRKE (denominação alterada pouco depois para Campo DOBOJ), teve lugar a cerimónia de Transferência de Autoridade do 1.º Batalhão de Infantaria Pára-quedista para o Agr GOLF/SFOR, na presença do Comandante da MNB (N), Brigadeiro-General James Mason, tendo a força sido colocada sob controlo operacional do MNBG – comandado então pelo Coronel de Cavalaria, Luís Manuel Protes Villa de Brito – e assumido, desde a mesma data, a responsabilidade pela área atribuída.

O efectivo do Agrupamento GOLF (Task Force GOLF), com a Companhia Eslovena¹ sob Controlo Operacional, ascendeu a 355 mi-

litares (29 Oficiais, 67 Sargentos e 259 Praças).

4. A ÁREA DE OPERAÇÕES

a. A AOR do Agrupamento GOLF localizava-se no Norte da BH compreendendo uma superfície superior a 2.400 km². Era atravessada pela Linha de

Separação Inter-Entidades (*Inter-Entity Boundary Line* – IEBL) que, numa extensão de 150 km, materializa a divisão administrativa entre a República Sérvia (*Republika Srpska*), que ocupava cerca de 3/4 do território e a Federação Croato-Muçulmana, que ocupava o restante quarto.

Oito municípios (*opština*) localizavam-se na AOR do Agrupamento: quatro de predominância sérvia – DERVENTA, BOSANSKI BROD, DOBOJ, VUKOSAVLJE e MODRICA, um essencialmente croata – ODZAK e dois eminentemente bósnios – DOBOJ ISTOK e GRACANICA. O terreno adjacente à IEBL, que foi traçada durante a guerra, encontrava-se profusamente minado.

b. Com um clima moderado continental, caracterizado por invernos rigorosos (temperaturas a descerem até -15°C) e muita neve, verões muito quentes

(temperaturas a rondar os 40°C) e forte pluviosidade nas estações intermédias, o terreno é relativamente plano a norte, nas margens do rio SAVA – que marca a fronteira com a Croácia – e dos seus afluentes, tornando-se mais acidentado à medida que se progride para Sul, com altitudes variando dos 100 m aos 1.100 m, onde as margens dos cursos de água apresentam declives mais acentuados. A vegetação predominante é essencialmente constituída por carvalhos, faias e pinheiros, encontrando-se ainda zonas de pasto e campos de cultivo dispersos a norte e no centro, bem como nas margens dos principais cursos de água da região.

c. DOBOJ, situada na confluência dos rios BOSNA e SPREËA, é a principal cidade da AOR. Tomada pelos sérvios-bósnios em MAI92, resistiu a uma contra-ofensiva do exército bósnio em OUT95, com o objectivo de reconquistar a cidade, tendo, poucos meses depois, por via dos Acordos de Dayton,

passado a integrar definitivamente a República Srpska. Com uma população estimada em 30.000 habitantes (93% sérvios, 7% muçulmanos² e croatas), é uma região eminentemente rural e um importante nó rodoviário e ferroviário da BH. Os principais pólos industriais da região localizam-se a norte, designadamente, uma refinaria em BOSANSKI BROD e uma fábrica de lubrificantes em MODRICA.

d. Oitos anos após a assinatura dos Acordos de Dayton, as armas haviam-se definitivamente calado e a situação na Bósnia-Herzegovina tendia, aparentemente, a evoluir, embora a um ritmo penosamente lento, rumo à normalização e à credibilização da BH no contexto internacional, como unidade política soberana e independente. No entanto, a edificação das instituições políticas e o funcionamento dos poderes do Estado afiguravam-se processos extremamente intrincados e

morosos, marcados por divergências insanáveis, pela radicalização de posições e pela resistência às mudanças manifestadas pelas Entidades (e, não raro, por disparidades verificadas no seu seio, em face da inflexibilidade dos partidos nacionalistas), obrigando frequentemente à intervenção da Comunidade Internacional (CI), através de drásticas imposições de medidas. Deste modo, questões fundamentais como sejam, a reestruturação da defesa e das forças armadas, a reforma da justiça, a reorganização das forças de segurança e dos serviços de informações, a reforma fiscal e a revitalização da economia, encontravam-se ainda em estado muito incipiente. Por outro lado, a difícil situação económica vigente na BH, o elevado índice de pobreza e o desemprego (da ordem dos 40%), decorrente da escassa oferta, da obsolescência das indústrias e da não atracção do investimento estrangeiro, eram de molde a impelir muitos jovens a emigrar (nomeadamente para a Alemanha, Áustria e Suíça), em busca de melhores condições de vida. Os poucos que optavam por se manter na BH, facilmente enveredavam pelo mundo do crime e da corrupção, onde o suborno é prática comum no quotidiano, estimulado pela passividade ou impotência das autoridades policiais. O cenário acima descrito, não obstante os esforços e a pressão da CI e as reformas impostas, configurava-se assim, susceptível de concorrer para o agravamento das tensões inter-étnicas latentes, podendo degenerar em novas crises de âmbito local ou regional.



Camp Dobojo vista aérea

5. MISSÃO E TAREFAS PRINCIPAIS

a. Ao Agrupamento GOLF (PO/SI), sob OPCON do MNBG, foi cometida a missão de, a partir de 30JUL03, conduzir operações de Reconhecimento, Vigilância e outras no quadro normal na sua AOR, a fim de garantir presença militar nas áreas em foco e assegurar liberdade de movimentos. De acordo com o Conceito de Operação, foi atribuída à CHARLIE Coy (Esquadrão de Cavalaria) a responsabilidade pelos municípios de DERVENTA, BOSANSKI BROD e ODZAK, à DELTA Coy (Companhia de Atiradores) o município de DOBOJ e à ECHO Coy (Companhia Eslovena) o controlo dos municípios de DOBOJ, ISTOK, GRACANICA, VUKOSAVLJE e MODRICA. A articulação assim adoptada permitiria aos comandantes das subunidades a obtenção de um quadro mais detalhado das áreas atribuídas, o estabelecimento de contactos com as respectivas entidades municipais, comandantes das unidades militares nelas sedeadas e autoridades policiais, a familiarização com os problemas específicos de cada município, as carências e o estado de espírito das populações, a identificação dos pontos críticos e dos focos de tensão, bem como o conhecimento dos locais onde se concentram a marginalidade e onde se desenvolvem as actividades desestabilizadoras, subversivas e criminosas. Este manancial de informação, adquirido através de uma presença assídua nas áreas em

apreço, constituir-se-ia de extrema utilidade, permitindo uma avaliação mais objectiva aos níveis político e estratégico relativamente à evolução do processo de *state building* e, conseqüentemente, uma tomada de decisão melhor fundamentada; nos níveis operacional e tático, viabilizaria um melhor planeamento e coordenação do emprego dos recursos e uma actuação mais eficaz e oportuna das forças e meios no sentido da neutralização ou minimização dos potenciais focos de tensão, contribuindo assim, para a preservação de um ambiente estável e seguro.

b. Sedeadas em Campo DOBOJ, as subunidades conduziam diariamente um número de patrulhas de Reconhecimento e Vigilância, diurnas e nocturnas, nas áreas atribuídas, em conformidade com a Ordem de Operações do MNBG, a fim de “mostrar presença”, colher notícias e exercer actividades de observação orientadas sobre objectivos determinados pelo escalão superior. Dentre outras tarefas para as quais o Agrupamento foi solicitado ou que deveria estar apto a executar, salientamos: a monitorização de actividades das forças armadas das facções da BH; a inspecção de depósitos de armamento; a montagem de postos de controlo de fronteira e de veículos; a realização de demonstrações de força; a participação em acções de controlo de tumultos. Além de garantir a segurança do Campo DOBOJ e do repetidor de CIGANISTE (este em parceria com o Batalhão polaco), o Agr GOLF detinha ainda especiais responsabilidades:



Doboj.

assegurar uma Equipa Médica com prontidão de 15 minutos, um Pelotão como Força de Reacção Imediata (IRF) com prontidão de 30 minutos e uma Equipa de Pronto-Socorro com prontidão de 30 minutos. Acresce ainda referir uma vertente importante, as actividades de CIMIC em apoio da população local, levadas a efeito pela força, em particular: a cooperação com autoridades locais, a concessão de ajuda humanitária a famílias carecidas, a prestação de assistência médico-sanitária às populações, o apoio social nas escolas e a execução de trabalhos de engenharia em prol das comunidades.

c. Para o cumprimento das missões, cada unidade de escalão esquadrão/companhia portuguesa do Agrupamento – a CHARLIE e a DELTA Coys – encontrava-se equipada com 9 VBTP CHAIMITE V-200, versão porta-metralhadora pesada BROWNING 12,7 mm (3 por Pelotão). Ao Comando da subunidade estava afectado 1 TOYOTA Land Cruiser e a cada Comandante de Pelotão estava atribuído 1 UMM ALTER II. A companhia eslovena – a DELTA Coy – encontrava-se equipada com 8 VBTP VALUK 6x6³

(4 por Pelotão). Existiam ainda 2 HMMWV no Comando da subunidade. O Pelotão de Morteiros Médios do Esquadrão de Apoio – *Logistics Coy* – estava organizado a 4 secções, cada uma com 1 viatura blindada porta-morteiro CHAIMITE V-600.

7. TREINO, ACTIVIDADE OPERACIONAL, VISITAS E EVENTOS SOCIAIS

a. Ao longo dos seis meses de permanência na Bósnia; o Agrupamento GOLF cumpriu um total de 2.709 missões, 2.465 das quais foram patrulhas diurnas e nocturnas de reconhecimento e vigilância, 116 operações com objectivos específicos e 128 operações de apoio, incluindo 11 inspecções a paíóis e depósitos de armamento, 3 inspecções a instalações de desmantelamento de munições, 40 missões de verificação (*check*), 17 de controlo e 3 escoltas a colunas de transporte do exército sérvio-bósnio (VRS). Percorremos um total de 686.000 km e consumimos 317.000 litros de combustível. Além das missões de guarda ao Campo DOBOJ e a CIGANISTE, participámos no exercício “JOINT RESOLVE XXX” em MOSTAR, de 21 a 27AG03; na operação “RED RIVER” para destruição de 2 bombas encontradas no Rio SAVA, em 21SET03; na operação “CITY PORT” de apoio ao Tribunal Internacional Criminal para a Jugoslávia (ICTY) em DOBOJ e MODRICA, em 15 e 16OUT03; nos Fogos Reais em GLAMOC, de 20 a 25OUT03; na operação “SICILY” (ACTI-

VE HARVEST) que visou a recolha activa, junto das populações, de armamento, munições, minas e demais engenhos explosivos, na sua posse, durante praticamente todo o mês de NOV03; e na operação “STARLIGHT SUNSET”, para detecção de contrabando no rio SAVA, de 02 a 06DEC03. Durante a nossa missão, foram reportados 62 engenhos explosivos não detonados (UXO) e foi recolhido o seguinte material (no decurso da operação “SICILY”): 44 armas automáticas, 55 armas anti-carro, 24 minas anti-carro e anti-pessoal, 698 granadas de mão e de espingarda, 63 granadas de morteiro, 19 granadas anti-carro, 14.600 munições de diversos calibres, 9 kg de TNT, 340 m de cordão lento e cordão detonante. A este registo adiciona-se, no âmbito do CIMIC, a realização de 2 colunas auto a SALZBURG, Áustria, de 21 a 25SET03 e de 03 a 07NOV03 respectivamente, cobrindo uma distância de 1.400 km, ida e volta, a fim de recolher e transportar cerca de 85 toneladas de ajuda humanitária, para ulterior distribuição na área

de responsabilidade do Agrupamento, bem como as acções específicas de repartição dessa ajuda pela população, perfazendo um total de 918 famílias assistidas e diversas escolas apoiadas. No quadro do emprego da Engenharia, além das diversas obras de beneficiação do Campo DOBOJ, foram realizados outros trabalhos de envergadura em diversos municípios, em apoio da população, nomeadamente a reparação das estradas em SKIPOVAC e VUKOSAVLJE, a limpeza dos poços de água de RUDANKA, que abastecem a população de DOBOJ e a remoção de lixo em VUKOSAVLJE. No plano sanitário, cerca de 472 civis foram assistidos e medicados ao longo de consultas regularmente ministradas em 2 centros de atendimento locais, em áreas especificamente designadas, onde as equipas médicas se deslocaram a pedido, ou no decurso de acções médicas (MEDCAP) levadas a efeito em conjunto com a TF MEDICAL EAGLE (US).

b. No decurso da missão, visitaram o Agrupamento GOLF, entre outros:



Entrega do EN ao AGR GOLF.



Exercício final de aprontamento.

- (1) O 2.º Comandante da MNB (N), Coronel Gerald Lang (01OUT03);
- (2) O Chefe da Missão Diplomática de Portugal na BH, Dr. Fernando Tavares de Carvalho, o Embaixador da Eslovénia, sr. Tadej Labernik e o Embaixador da Polónia, sr. Leszek Hensel (15OUT03);
- (3) O Comandante do CMSM/BMI, Major-General Oliveira Cardoso (28 a 31OUT03);
- (4) O Ministro de Estado e da Defesa Nacional, Dr. Paulo Portas e o Chefe de Estado-Maior do Exército, General Valença Pinto (13NOV03);
- (5) O CEM do Centro de Operações Conjuntas do EMGFA, Major-General Amaral Félix (17 a 20NOV03);
- (6) O futuro Comandante do MNBG, Coronel Wojciech Kasprzycki (19DEC03);
- (7) O Comandante Operacional das Forças Terrestres, Tenente-General Ferreira do Amaral (24 a 26DEC03).

c. O Agrupamento organizou e promoveu ainda, os seguintes eventos sociais, culturais e desportivos:

- (1) Concertos da Escola de Música "MARCOS DE PORTUGAL" de DOBOJ (21NOV e 24DEC03);
- (2) Corrida de Santa Margarida em DOBOJ, numa extensão de 8 quilómetros, na qual estiveram envolvidos 84 atletas (22 dos quais femininos) militares e civis, do Agrupamento, do Batalhão Polaco, da EUPM, da guarnição militar Bósnio-Sérvia de DOBOJ e ainda das forças de segurança e de diversos clubes de atletismo da cidade (22NOV03);
- (3) Ceia de Natal no Campo DOBOJ (24DEC03);



Viatura VALUK.

- (4) Visita ao Campo DOBOJ de cerca de 90 alunos da escola primária de SEVARLJE (29DEC03);
- (5) Festa de Passagem do Ano no Campo DOBOJ (31DEC03 e 01JAN04).

8. TRANSFERÊNCIA DE AUTORIDADE E REGRESSO DA FORÇA AO TN

Durante o mês de Janeiro de 2004, o Agr GOLF marchou por via aérea, em 3 escalões, para o território nacional, tendo o grosso da força embarcado na segunda leva, a 22JAN04. Em 24JAN04, no Campo DOBOJ, teve lugar a cerimónia de Transferência de Autoridade do Agr GOLF/SFOR para o 3.º Batalhão de Infantaria Páraquedista, na presença do Comandante da MNB (N), Brigadeiro-General Richard Nash. A cerimónia de Recepção e Entrega do Estandarte Nacional do Agrupamento GOLF realizar-se-ia a 10FEV04, em Santa Margarida, no RC 4,



Meeting Santa Margarida - Doboj.



Visita da Escola Marcos Portugal.

presidida pelo Comandante Operacional das Forças Terrestres, Tenente-General Ferreira do Amaral.

9. CONCLUSÕES

Em jeito de balanço global do Agrupamento GOLF desde a sua génese, aprontamento e ulterior actuação no quadro da operação "JOINT FORGE" da NATO na Bósnia-Herzegovina, no período de 13JAN03 a 10FEV04, entendemos pertinente realçar os seguintes aspectos:

a. A operação "JOINT FORGE" enquadrava-se na tipologia das chamadas Operações de Consolidação da Paz (*peacebuilding*), envolvendo forças militares em co-operação com autoridades civis em acções de reconstrução e desenvolvimento, com vista a assegurar um ambiente estável e de paz duradoura, estando prontas, se necessário, a empregar a coacção em resposta a eventuais crises;

- b. Uma significativa parte das missões executadas pelo Agrupamento GOLF envolveu a pesquisa de notícias, realçando a importância das Informações, do "HUMINT", das Operações de Informação (CIMIC, Operações Psicológicas e Operações de "Mediat");
- c. O exercício do comando em operações, praticamente sem restrições de meios, constituiu, do ponto de vista do Comando da Força, uma "experiência inolvidável, extremamente gratificante e enriquecedora";
- d. O Aprontamento foi essencial para o sucesso da missão. O treino proporciona robustez, destreza e confere autoconfiança na execução das tarefas. A proficiência na execução é garantia de credibilidade da força. Nesse sentido, o Agr GOLF foi bem preparado;
- e. As forças devem ser treinadas para operar em toda a amplitude do espectro operacional, com particular incidência nos piores cenários. No actual ambiente operacional podem coexistir situações que exigirão actuações distintas das forças militares: missões de combate clássicas, ajuda humanitária, operações de apoio à paz, etc. Reagindo de forma organizada na eventualidade de ser batida por fogo adverso, a força aumentará a sua probabilidade de sobrevivência;
- f. O reconhecimento ao TO revelou-se extremamente importante e de inequívoca utilidade;
- g. A aptidão linguística (inglês e/ou francês) é fundamental para uma eficaz actuação conjunta em ambiente multinacional, devendo ser incrementada a sua prática quotidiana, a partir de determinada fase do aprontamento/treino. Para um comandante, a comunicação com os subordinados, independente-

- mente da sua nacionalidade, é crucial. Um mau domínio da língua induz com frequência um juízo incorrecto acerca da sua competência para o exercício de um cargo ou função;
- h. Em ambiente multinacional, o relacionamento entre diferentes nacionalidades deve basear-se na equanimidade, respeito, conhecimento mútuo e, sobretudo, muita paciência. As relações de comando devem estar clarificadas, à partida. O Agr GOLF manteve um bom relacionamento com os eslovenos.
- i. O apoio à força partir do território nacional foi, na generalidade, bom, oportuno e eficaz.
- k. O treino com helicópteros – HELIMEDEVAC e HELIAS-SALTO – é fundamental para forças que requerem elevada mobilidade táctica e muito curto prazo de intervenção.
- l. As maiores preocupações do Comando centraram-se na área do Pessoal.

O Agrupamento GOLF cumpriu cabalmente a sua missão no Teatro de Operações da Bósnia-Herzegovina, no período de 30JUL03 a 24JAN04, mercê do elevado profissionalismo, abnegação, grande competência, profunda noção do dever, forte vontade de bem servir e altruísmo patenteados pelos seus homens e mulheres. O sucesso da missão a eles se deveu, inteiramente. A publicação deste texto é uma singela forma de evocar o seu esforço e homenagear o seu excelente desempenho.

Bem hajam!

NOTAS

- ¹ A Companhia Eslovena apenas possuía 2 Pelotões, se bem que o seu efectivo fosse igual ao das subunidades portuguesas (80 militares).
- ² Antes da guerra, a percentagem de bósnios (muçulmanos) cifrava-se em 40%.
- ³ A versão de fabrico esloveno da viatura PANDUR 6x6.

Resenha Histórica do Agrupamento GOLF

É com agrado e enorme prazer que vou dar o meu módico contributo para a Revista da Cavalaria, sobre a minha experiência vivida na Bósnia-Herzegovina.

A Directiva N°08/CEME/03, cometeu à Brigada Mecanizada Independente (BMI) a organização da FND/SFOR para o 2º Semestre 2003, de acordo com a EOP/FND e a Estrutura Operacional de Material (EOM/FND). Cometeu ainda a este Comando a missão de coordenar o planeamento e execução do seu aprontamento.

No seguimento desta Directiva, foi emanada pela BMI a Directiva N°02/03/CMSM/BMI com a missão de organizar e aprontar entre 13Jan03 e 30Jun03 no CMSM, uma Unidade Escalão Batalhão (UEB), projectando-a em Julho de 2003 para a Bósnia-Herzegovina. Nesta Directiva foi cometido ao Regimento de Cavalaria N°4 (RC4) a missão de concentrar a gestão dos recursos humanos e materiais para o aprontamento da UEB, bem como, conduzir a Instrução e Treino Operacional, de forma a abranger tarefas críticas convencionais e tarefas críticas de Operações de Apoio à Paz orientadas para a missão.

Das linhas da Directiva N°02/03 surge a Directiva N°01/Agr G/03 que determina todos os aspectos relevantes em relação à Instrução e Treino do Agr GOLF, consequente

processo administrativo-logístico e acções paralelas concorrentes à constituição de uma unidade com características de Força Nacional Destacada.

1. A ORGANIZAÇÃO DO AGR GOLF

O Agr foi comandado pelo TCOR CAV Luís Fonseca, tendo como 2º Comandante o MAJ INF Sérgio Marques e eu próprio como Adjunto do Comandante. No território da Bósnia-Herzegovina, esteve sediado em Campo Dannevirke, depois chamado Campo Dobo, a cerca de 6Km da cidade.

O Agrupamento tinha um efectivo de 275 militares, constituído da seguinte forma:

- **Comando e Secção de Comando**, que tinha as funções de Estado-Maior, e era contituído por 13 Oficiais, 6 Sargentos e 2 Praças;
- **Esquadrão de Apoio (1)**, que tinha por função o Apoio de Serviços ao Agrupamento e era constituído por 3 Oficiais, 23 Sargentos e 68 Praças;
- **Esquadrão de Cavalaria (1)**, que tinha funções operacionais e era constituído por 5 Oficiais, 14 Sargentos e 61 Praças;
- **Companhia de Atiradores (1)**, que tinha funções operacionais e era constituído por 5 Oficiais, 14 Sargentos e 61 Praças.



Inspecção WSS.

De relevar que ao Agrupamento foi atribuído, sob Controlo Operacional, um Contingente Esloveno, que integrava um Comando, constituído por 2 Oficiais e 2 Sargentos e uma Companhia, constituída por 3 Oficiais, 10 Sargentos e 57 Praças.

2. A RELAÇÃO COM O ESCALÃO SUPERIOR MULTINACIONAL

A reestruturação do dispositivo nos Balcãs, levada a efeito pela NATO implicou que a partir de Janeiro de 2003, fosse atribuída ao Contingente Português uma nova Área de Responsabilidade (AOR), integrada no Multinational Battle Group (MNBG), subordinado à Brigada Multinacional Norte (MNB (N)) de comando norte-americano.

De realçar, que sob o comando do MNBG, estava também um Batalhão Polaco.

O Comandante do MNBG, era o COR CAV Villa de Brito.

3. A RELAÇÃO COM AS SUBUNIDADES (NACIONAIS E ESTRANGEIRAS)

A minha relação com as subunidades nacionais e estrangeiras foi sempre a mais profícua e eficaz, tanto na conduta operacional como na conduta do moral e bem-estar. Mantive permanentemente uma estreita ligação com todos os militares das mesmas, Oficiais, Sargentos e Praças, essencialmente com os Sargentos Adjuntos dos Comandantes de Companhia/Esquadrão. A relação com a Companhia Eslovena, foi de certa maneira muito especial, mas muito eficiente, com uma colaboração mútua muito activa.

4. GESTÃO DO PESSOAL (MORAL E BEM-ESTAR)

Penso que a gestão de pessoal foi extremamente correcta. Soube sempre o Comando do Agrupamento estar atento a todos os problemas, tanto profissionais como pessoais de todos os militares.

Para minimizar os efeitos do afastamento familiar e manter o moral das tropas elevado, o Agrupamento realizou vários



Segundo Dia de Neve.

eventos no âmbito do moral e bem-estar, tais como:

- A Corrida "Santa Margarida", que decorreu na Cidade de Dobo. O percurso a efectuar pelos atletas tinha uma extensão de 8 Km, com início na Porta Principal do Campo Dobo e final em frente ao cinema da cidade. Nesta corrida participaram atletas da TF GOLF, do Batalhão Polaco, da Guarnição militar de Dobo, da EUPM, das Forças de Segurança e Clubes Desportivos locais;
- Por norma, quase todos os Sábados havia uma festa, à noite, em esquema de rotatividade pelas Companhias, invocando um tema. No tempo de Verão eram na Praça Sony (local central do Campo Dobo), no tempo de inverno eram no Bar;
- O conjunto musical "Dobro Tako", foi formado por militares do Agrupamento e eram preponderantes nas animações de Sábado e em mais alguns eventos;
- Todos os últimos Sábados de cada mês, durante a festa, eram comemorados os aniversários dos militares que nesse mês faziam anos, com um bolo e vinho do Porto;
- O Campo, tinha um mini-ginásio, com vários aparelhos, onde os militares se podiam exercitar durante as horas livres;
- Também houve lugar à realização de vários Campeonatos Desportivos;
- A publicação de carácter mensal "A MENSAGEM", com oito números editados, espelhou a actividade acrescida de uns quantos militares que, ou por gosto da escrita ou pelo dever de escrever, se propuseram divulgar experiências, sentimentos, ideias ... que, embora não tivessem a agilidade do poeta ou do escritor,

deram uma generosa e oportuna colaboração, sempre que esta foi solicitada;

- Na Praça Sony, às 3ª e 5ª feiras, havia sessão de cinema. Quando o tempo estava pérfido, o filme era projectado numa sala;
- O Natal em Campo Dobo, foi um ponto alto. A Oficina de Manutenção engalanou-se com motivos natalícios e recebeu todos os convidados (Portugueses, Polacos, Americanos, Eslovenos, ...).

5. LIÇÕES APRENDIDAS (LOGÍSTICAS, MORAL E BEM-ESTAR)

- No aspecto logístico, penso que esta valência não foi tarefa fácil. Foi necessário muita organização, muito trabalho e muitas horas de dedicação. O Regimento de Cavalaria N°4, teve um papel muito importante, visto ter sido um excelente e importante elo de apoio ao Agrupamento GOLF, além de outras entidades que também estiveram envolvidas na cadeia logística. Todos foram incedíveis para que o êxito da manobra logística fosse um sucesso. Com planeamento adequado, apoio das entidades, previsão e precaução, tudo foi eficaz, tendo no colectivo o seu ponto forte.
- No aspecto do moral e bem-estar, penso que no cômputo geral e depois da missão cumprida, o Agrupamento sempre soube entender os seus militares.

Espero que o meu pequeno contributo sirva para enaltecer com altivez, garbo e generosidade a Revista da Cavalaria e termino com a divisa do Agr GOLF, "...não temo o que virá...".

O Esquadrão de Cavalaria do Agr GOLF/BMI/SFOR (Jan2003 a Jan2004)



Fig 1 - Símbolo do Esquadrão que tinha como lema "Os corações à paz acostumados"

O Esquadrão de Cavalaria que integrou o Agrupamento GOLF / SFOR (Agr GOLF) na Bósnia Herzegovina no segundo semestre de 2003, teve como unidade mobilizadora o GCC/RC4/BMI e tinha o seguinte efectivo:

REGIME	OFICIAIS	SARGENTOS	PRAÇAS	TOTAL
QP	4	11		15
RC	1	3	41	45
RV	0	0	20	20
TOTAL	5	14	61	80

Efectivos por Unidades de origem

	CMSM/BMI					ZMM
	RC4	GCC	EREC	BAS	CCS/QG	QG
OF	0	2	3	0	0	0
SAR	2	6	6	0	0	0
PRAÇAS	19	31	7	1	2	1
TOTAL	21	39	16	1	2	1

MAJ Cav CELSO VAZ
IESM

Contou na sua constituição com militares de diversas unidades da Brigada Mecanizada Independente (BMI), face à directiva emanada para o levantamento do Agrupamento pelo comandante da brigada, que pretendia garantir primariamente a constituição da força à custa de militares pertencentes à BMI (Ver quadro de Efectivos por Unidades de origem).

Houve dois elementos do Esquadrão que desempenharam as suas funções, durante a missão, no comando do Agrupamento. No entanto efectuaram toda a preparação integrados no esquadrão: um SARG de Informações e uma Praça como Gestor de rede no Módulo de Transmissões. Esta situação não teve repercussões significativas no desempenho do Esquadrão.

Todos os quadros do esquadrão foram de cavalaria, existindo algu-

mas excepções ao nível das praças do esquadrão, que acabaram por se integrar facilmente no espírito da

unidade.

Durante a fase de aprontamento existiram algumas faltas de equipamentos para uma adequada preparação e treino do pessoal, nomeadamente equipamento individual (coletes tácticos), GPS idênticos aos do TO, máscaras e fatos NBQR, meios HF e morteiros 60mm.

Já em missão, as faltas anteriormente descritas foram colmatadas através de instrução ministrada de modo a efectuar-se uma adaptação aos equipamentos e foi, ainda, garantida a instrução de helitransporte que não tinha sido ministrada na fase de aprontamento.

O aprontamento realizado nas instalações do GCC/RC4 incluiu as seguintes fases:

- Nivelamento, com a finalidade de ajustar o nível de instrução do esquadrão face à diversidade das especialidades e experiência dos militares que integram o esquadrão.
- Treino operacional, que foi faseado aos vários níveis: Secção, Pelotão e Esquadrão, culminando com a participação no exercício «ROSA BRAVA» da BMI.
- Treino orientado para a missão, onde foram ministradas instruções e cursos específicos para o desempenho das tarefas que se previam realizar na Bósnia. Destaca-se o exercício final DOBOJ 03 que foi realizado de acordo com situações muito próximas do real, com base em informações e procedimentos vindos do Batalhão que se encontrava no TO.

ESQUADRÃO DE CAVALARIA DO AGRUPAMENTO GOLF

JULHO 2003 A JANEIRO 2004



COMANDO
116- CAP BRAZ; 117- TEN LOURENÇO; 118- SAJ VICTORINO; 119- ISAR GOMES; 120- CADJ FERREIRA; 121- CADJ TAVARES; 122- CADJ QUITÉRIO; 123- ICAB FRANCO

1º PELOTÃO
124- TEN SILVA; 125- ISAR FRANQUINHO; 126- CADJ REI; 127- ISAR CARDOSO; 128- ICAB TEIXEIRA; 129- SOLD PASCOAL; 130- 2CAB LOPES; 131- 2CAB ALMEIDA; 132- ICAB OLIVEIRA; 133- SOLD SANTOS; 134- 2SAR GONÇALVES; 135- ICAB CARDOSO; 136- 2CAB RAMOS; 137- SOLD CABEÇA; 138- ICAB RODRIGUES; 139- 2CAB RODRIGUES; 140- SOLD BARREIRO; 141- FUR OLIVEIRA; 142- CADJ LOPES; 143- 2CAB MARINHÃO; 144- SOLD SILVA; 145- SOLD RIBEIRO; 146- SOLD NEVOA; 147- ICAB JACINTO

2º PELOTÃO
148- ALF SIMEIRO; 149- ISAR ALTURAS; 150- CADJ GOMES; 151- ISAR MARTINS; 152- ICAB ESTREMENHO; 153- ICAB BARBOSA; 154- SOLD COSTA; 155- SOLD FERREIRA; 156- SOLD MAIA; 157- ICAB PEIXOTO; 158- 2SAR SILVA; 159- ICAB GULHOTO; 160- SOLD PEREIRA; 161- ICAB FARIA; 162- ICAB FERREIRA; 163- SOLD CABRITA; 164- SOLD SILVA; 165- FUR CORREIA; 166- ICAB SANTOS; 167- SOLD ESTEVES; 168- SOLD FRANCO; 169- ICAB RIBEIRO; 170- ICAB SANTOS; 171- SOLD ALMEIDA

3º PELOTÃO
172- TEN SERRONHA; 173- ISAR PINA; 174- ICAB ESTEVES; 175- 2SAR FAUSTINO; 176- CADJ TONDELA; 177- SOLD FERREIRA; 178- SOLD COSTA; 179- 2CAB HILÁRIO; 180- SOLD BARREIROS; 181- SOLD SANTOS; 182- 2SAR CARREIRA; 183- ICAB CUNHA; 184- SOLD POMBARES; 185- ICAB GONÇALVES; 186- ICAB MATOS; 187- SOLD PACHECO; 188- SOLD SOUSA; 189- FUR LÓPES; 190- ICAB PEREIRA; 191- ICAB GONÇALVES; 192- SOLD OLIVEIRA; 193- ICAB LEITÃO; 194- ICAB DUARTE; 195- SOLD ANTUNES

Fig 2 - Foto do Esquadrão

No teatro da Bósnia o Esquadrão esteve instalado no Edifício nº 7 do Campo Dannervirke em Dobo. Era um aquartelamento que possuía excelentes condições e espaço, no entanto, carecia de infra-estruturas para a prática de actividades desportivas.

O ECav (C-COY) assumiu a sua missão de conduzir, a partir de 30Jul03, missões no âmbito de



Fig 3 - O ECav em exercício durante a fase de aprontamento

apoio à paz com a finalidade de garantir presença militar na sua Área de Responsabilidade (AOR), constituídas pelas Opstinas de Bosanski Brod, Derventa e Odzak, assegurando permanentemente a liberdade de movimentos nessa área.

Em termos de operações o ECav tinha os seus três Pelotões para garantir o seu encargo operacional, que consistia essencialmente em Operações de Segurança, Específicas (Inspeções, reconhecimento, etc) e de Apoio. O planeamento era efectuado semanalmente através de uma *Weekly Order*, que continha todas as tarefas a efectuar pelo esquadrão. Poderia ser ajustado, se necessário, através de ordens parcelares, excepção feita aquando da participação em exercícios e operações em que o comando do es-

quadrão participava activamente no planeamento.

O comando do esquadrão tinha como principais tarefas o comando, controlo e preparação das subunidades e o envio dos relatórios diários das missões para o escalão superior. Toda a actividade operacional decorreu bem e de uma forma ajustada às nossas capacidades. No entanto, existiram algumas dificuldades de intérpretes para o acompanhamento das patrulhas, que fruto das suas missões, necessitavam de estabelecer permanentemente contacto com os locais.

As missões regulares do esquadrão eram: patrulhamentos, escoltas, detecção de engenhos explosivos (UXO), missões de controlo/inspeções a *Weapon Strory Site* (WSS) e ajuda humanitária na AOR.

No entanto, efectuámos diversos exercícios e operações:

- Exercício em operações Heli-Assalto, patrulhas combinadas com a TF2-194 AR IRON (US) e *Cross-training* sem a companhia Eslovena que estava integrada no Agrupamento;
- Exercícios de Tiro em *North Pole barracks*, Modrica e em Glamoc;
- Exercício *Joint Resolve XXX* em Mostar com o FR SP BG/MNGSOUTH (21 a 27Ago03);
- Operação *RED RIVER* (21Set03);
- Operação *SICILY -ACTIVE HARVEST* (Nov03);
- Operação *STARLIGHT SUNSET* (2 a 6 Dec03);
- Participação em cerimónias e visitas ao Agrupamento.

Para mim, comandante deste esquadrão, foi uma experiência inesquecível e gratificante, muito embora tivesse passado por inúmeras dificuldades e problemas, sobretudo na fase de aprontamento, com as normais contrariedades em organizar a força face à diversidade de especialidades e experiências, a falta de material do lote de aprontamento em tempo para treino e instrução que, como sabemos, é sempre escasso face às necessidades.

No Teatro as maiores dificuldades prenderam-se com as viaturas (jipes UMM e viaturas blindadas Chaimite) que apresentavam diversas avarias sobretudo devido ao elevado uso, obrigando a uma gestão minuciosa dos meios disponíveis. Outra grande dificuldade foram os equipamentos de transmissões que eram pouco funcionais, debitam pouca potência e estavam obsoletos, criando bastantes problemas ao Comando e Controlo do Esquadrão. Para colmatar esta situação



Fig 4 - Vista área do Campo Dannervirke

recorreu-se inúmeras vezes à rede de telemóvel local.

Mas de uma forma geral penso que a missão correu bem, tivemos uma boa integração na nossa AOR e conseguimos cumprir de uma forma digna a missão que nos esteve atribuída. Foi, sem dúvida, uma experiência positiva porque nos permitiu trabalhar com meios e pessoal profissional, muitas vezes num ambiente multinacional, mostrando bem as nossas capacidades e a forma eficiente e dedicada como também sabemos cumprir.

Criámos um bom espírito de trabalho, e soubemos desenvolver bons laços de amizade, por forma a ultrapassarmos os obstáculos e dificuldades encontrados.



Área de responsabilidade do Agr GOLF



Fig 5 - Reconhecimentos para a Operação STARLIGHT SUNSET

O Grupo de Carros de Combate na Bósnia-Herzegovina no 1º Semeste de 2006

GCC / COMP PRT / MNTF (N) / EUFOR



Como o tempo passa !...
Quase parece que foi ontem que vimos as casernas do então Regimento de Cavalaria N.º. 4, hoje o Quartel da Cavalaria de Santa Margarida, a encherem-se com militares que traziam espelhado nos respectivos rostos, expectativa, entusiasmo, energia e empenho contagiante. Também tenho a sensação de parecer ter sido há tão pouco tempo que eu e o meu estado-maior, com grande ardor e redobrada motivação, encetávamos todo o planeamento da instrução e do treino operacional e fazíamos todo um levantamento sobre necessidades em recursos humanos e materiais, infra-estruturas, requisitos e níveis a atingir, com a finalidade de viabilizar e dar cumprimento à missão de enorme responsabilidade que nos havia sido cometida...

Permitam-me que faça uma retrospectiva daquilo que foi a preparação e o desempenho operacional do Grupo de Carros de Combate da Brigada Mecanizada (GCC), que se constituiu como Força Nacional Destacada (FND), para participar na Operação ALTHEA da EUFOR,

durante o 1º semestre de 2006, no Teatro de Operações (TO) da Bósnia-Herzegovina (BiH).

Talvez não seja despendendo lembrar que o GCC é a única unidade da cavalaria nacional, de escalão batalhão/grupo, à qual já foi, por mais de uma vez, atribuída a missão de se constituir como FND, facto este que tem sido fundamental não só para a motivação dos militares de cavalaria que servem em Santa Margarida, mas também para manter e reafirmar o *know-how* e a adequação, próprias das unidades de cavalaria, enquanto elemento de manobra terrestre de características únicas, para o desempenho das “novas” missões de resposta a crises.

A UNIDADE

O GCC, que esteve ao serviço da EUFOR contou, em matéria de efectivos, com 197 militares distribuídos por dois Esquadrões – Esquadrão de Atiradores e Esquadrão de Apoio – num total de 23 oficiais, 45 sargentos e 129 praças, a sua maior parte “cavaleiros” e destes a esmagadora maioria prestava então serviço no RC 4.

O Esquadrão de Atiradores constituiu o encargo operacional

atribuído à Multi National Task Force North (MNTF (N)/EUFOR).

O GCC/EUFOR sustentou ainda logisticamente as duas Liaison Observation Teams (LOT), com 6 militares cada, os 8 militares nacionais do estado-maior da MNTF (N)/EUFOR (sedeados em Camp Eagle Base – Tuzla) e os seis elementos portugueses do estado-maior da EUFOR (colocados em Camp Butmir – Sarajevo).

Em matéria de experiência anterior dos militares pertencentes ao GCC/EUFOR registaram-se duas situações distintas: por um lado, cerca de 2/3 dos oficiais e sargentos já tinham participado noutras operações de paz e humanitárias fora do território nacional (TN); por outro, só cerca de 1/3 das praças tinha experiência anterior noutras FND.

Os principais meios que equipavam o GCC/EUFOR iam desde a viatura blindada Chaimite, até às viaturas tácticas de ¼ Ton (Toyota e UMM), de 2 ½ Ton e 4 Ton (Iveco). Para além destes contou-se com uma panóplia de meios de apoio de serviços, tais como: autotankes de água e combustível, viatura de recuperação, ambulâncias (citadina e todo-o-terreno), shelter de transmissões, viatura oficina, viaturas pesadas basculantes, monta-

TCOR RUI FERREIRA
MDN

Esquadrão de Apoio da Componente PRT (BrigMec)/MNTF (N)/EUFOR

PROCESSO DE APRONTAMENTO

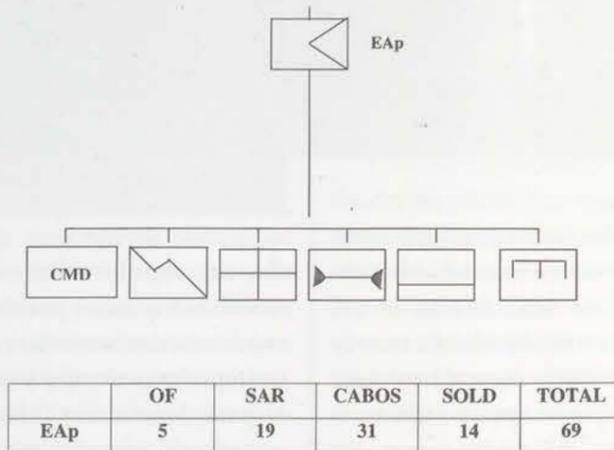
O processo de aprontamento do Esquadrão de Apoio do Grupo de Carros de Combate da Brigada Mecanizada (EAp/GCC/BrigMec), iniciou-se a 03 de Outubro de 2005, de forma a conduzir a instrução e o treino operacional até 20 de Dezembro de 2005, tendo em vista a constituição e a preparação da Força Nacional Destacada (FND) para participar na Operação ALTHEA da EUFOR durante o 1º semestre de 2006 no Teatro de Operações (TO) da Bósnia-Herzegovina (BiH).

A condução da preparação do EAp/GCC/BrigMec orientou-se essencialmente para as tarefas a desenvolver no TO, de uma forma sequencial através de um nivelamento e uniformização inicial de procedimentos, de forma a atingir, à data de 20 de Dezembro de 2005 o nível de prontidão requerido para o desempenho da missão na BiH.

A fase de aprontamento culminou com dois exercícios de campo, na Vila da Chamusca, TUZLA 05 (05DEC05 a 13DEC05) e DOBOJ 053 (14DEC05 a 20DEC05), para os quais foi criado um cenário de Operações de Apoio à Paz que traduzisse, de uma forma credível, a situação operacional que se vivia na BiH.

CAP Cav LUIS SILVA
GCC

CONSTITUIÇÃO DO ESQUADRÃO DE APOIO DA COMPONENTE PRT



O processo de aprontamento foi oficialmente encerrado a 21 de Dezembro de 2005 com a realização da Cerimónia Militar de Entrega do Estandarte Nacional à FND.

OPERAÇÃO ALTHEA

Desde 02 de Dezembro de 2004, a EUFOR assumiu o total controlo da antiga área de operações da SFOR. A projecção da Comp PRT/EUFOR para o TO da BiH, aquartelada em Camp DOBOJ, realizou-se no período compreendido entre o dia 05 de Janeiro e 17 de Janeiro de 2006.

A Operação ALTHEA tinha por missão estabelecer uma força dinâmica, credível e coesa, em estrita coordenação com as principais Organizações Internacionais, conduzindo operações para monitorizar e asse-

gurar a continuidade, em conformidade com o *General Framework Agreement for Peace* (acordos de Dayton). Permitir a liberdade de acção e estabilidade dentro da área de operações da EUFOR, por forma a criar condições para reduzir a presença, influência e acções das forças militares da EUFOR na BiH.

PRINCIPAIS DESAFIOS E LIÇÕES APRENDIDAS

As condições meteorológicas adversas que se vivem durante os meses de Inverno na Bósnia-Herzegovina (BiH), até finais de Março, limitavam em muitos aspectos, a manobra logística assim como a manobra táctica das forças projectadas. Tendo sido projectado no 1º Semestre de 2006, o EAp/Comp PRT (BrigMec) deparou-se com temperaturas negativas,

estradas com neve e gelo, situações que não eram possíveis treinar durante o aprontamento: desde do frio intenso, que obrigava ao uso de mais abafos e que condicionava o trabalho exterior, ao simples problema da água que congelava e impossibilitava a utilização da água canalizada. Por exemplo, era impensável utilizar-se os atrelados de banhos, latrinas ou os autotanques existentes no EAp, devido às temperaturas negativas que congelavam a água, inviabilizando o funcionamento do material.

Ao nível da manutenção existiam determinados cuidados com as viaturas, que não tínhamos em Portugal. Era importante que fosse colocado nos radiadores das viaturas, um líquido anticongelante, para fazer face as temperaturas negativas; outro pormenor era o de não tra-



Operação Windy Room: JAN06

var as viaturas, no período do Inverno para evitar que os calços ficassem colados; o estacionamento das viaturas era efectuado em telheiros para as proteger das intempéries, nomeadamente dos nevões, permitindo assim a sua mais rápida utilização caso fosse necessário.

Mesmo assim houve viaturas com líquido de arrefecimento do radiadores congelado apesar de se usar anticongelante.

Era também importante que os condutores estivessem preparados e alertados para as condições das estradas (gelo e traficabilidade) e fossem permanentemente lembrados

do perigo que poderia representar conduzir nas estradas, principalmente nos períodos de Inverno.

O normal funcionamento das caldeiras de aquecimento, que se encontravam em todos os edifícios de Camp Dobo, tornava-se crucial para o bem-estar dos militares, já que o trabalho exterior revelava-se complicado, como já foi referido. Era muito vulgar que os queimadores dessas caldeiras dessem problemas, havendo necessidade de constituir um pequeno stock, para substituir os que iam avariando. É de salientar que nos dias mais pequenos do ano, a noite chegava por volta das 16h00, baixando a temperatura com o anoitecer.

Portugal participou com Forças Armadas no TO da BiH desde de 1996 e ao longo dos anos assistiu-se à diminuição do efectivo militar presente. O mesmo não se verificou com o material (viaturas, tendas insufláveis, munições etc.), que foi passando de Batalhão em Batalhão, encontrando-se totalmente desajustado e sobredimensionado para a realidade das últimas missões. Tudo isto incrementou uma preocupação com o material, que muitas vezes era pouco ou nada utilizado, mas que estava à responsabilidade do Esquadrão.

O apoio logístico vindo de Portugal, era realizado através do Transporte Aéreo Militar (TAM), que nas primeiras missões tinha uma periodicidade fixa, passando a realizar-se ocasionalmente. Esta alteração veio a reflectir-se no moral e bem-estar dos militares, porque estes TAM eram utilizados para enviar e receber de Portugal o correio e as encomendas. Houve assim necessidade de se alterar esse procedimento e em muitas situações recorrer-se aos correios civis da BiH. A correspondência demorava cerca de três semanas a chegar ao destino.



Condições das estradas: JAN06
Estrada com gelo e neve

Em Camp Dobo, trabalhavam cerca de 45 funcionários civis (muçulmanos e ortodoxos, maioritariamente), estando quase todos escriturados no EAp. O relacionamento com eles não era difícil, porque a maioria trabalhava para as Forças Portuguesas há mais de dois anos e porque, verdade seja dita, pretendiam manter este emprego e não criar problemas que os pudessem prejudicar e levar ao despedimento: o salário que auferiam era muito superior ao que se praticava na BiH.

Apesar de parecer que o trauma da guerra já se encontrava ultrapassado, a verdade é que, se tivéssemos em atenção determinados pormenores, ainda existia e estava bem presente, um ressentimento entre as diferentes religiões. Era por isso importante, evitar criar um mal-estar no seio dos funcionários civis que pudesse comprometer o cumprimento da missão do EAp.

Estas foram, no cumprimento da minha missão como Comandante do Esquadrão de Apoio da Componente PRT (BrigMec), os principais desafios e principais lições aprendidas que retirei do meu Comando. Com o empenho e dedicação de todos os militares que participaram nessa Força Destacada, foi possível cumprir com prontidão e oportunidade todas as solicitações do dia a dia e regressar passado 6 meses ao Território Nacional com a certeza de MISSÃO CUMPRIDA.

"Os meus Livros"



O Conde de Lippe escreveu em 1762, num dos vários documentos doutrinários que constituiu o imenso legado deixado na sua reorganização, que "a leitura serve para formar-se o espírito militar e prover-se de ideias: por ela se enriquece com as luzes e com a experiência dos outros: e os senhores oficiais não poderão melhor, nem mais agradavelmente (para aqueles que amam a sua profissão) empregar, do que na leitura, as horas de descanso que deixam, especialmente no tempo de paz, as funções do serviço diário". O espírito inerente a estas palavras mantém-se actual, só que, num exército de voluntários, este esforço deve ser extensivo a todas as categorias – Oficiais, Sargentos e Praças –, no fundo, a todos os que "amam a sua profissão".

A Revista da Cavalaria convida, em cada número, um militar a partilhar uma meia dúzia de livros que tenham sido determinantes para a sua vida profissional e que entenda ser de mérito a sua partilha com outros profissionais de armas.

O **Tenente-Coronel de Cavalaria Henrique Mateus** é o nosso convidado deste número. Entre as funções que desempenhou destacam-se as de Comandante do ERec/BMI, Oficial de Operações no Agr Golf/SFor, as de Military Advisor na Nato Training Mission no Iraque de Ago06 a Fev07. Actualmente é o Comandante do GCC/BrigMec e, por inerência, Comandante do Quartel da Cavalaria/Campo Militar de Santa Margarida.

A Direcção da Revista da Cavalaria

Referir seis livros aos leitores da Revista da Cavalaria não é, de todo, um desafio fácil de superar, em particular por duas ordens de razão. A primeira, pela responsabilidade que constitui ter sido escolhido para o fazer, quando julgo haver outros que o poderão fazer seguramente muito melhor do que eu; em segundo, porque me é particularmente difícil apontar seis livros, porquanto, talvez por defeito de formação, sempre necessitei de várias leituras para conseguir formar uma opinião acerca deste ou daquele assunto ou área.

Posto isto peço antecipadamente perdão à Direcção da Revista e aos leitores pelo facto de algumas das

obras que referirei, terem já sido mencionadas em números anteriores. Porém, são aquelas que, em determinados momentos, mais influência tiveram na minha carreira ou formação.

– "A ERA DOS EXTREMOS" de Eric Hobsbawm

Começo por esta obra porque na sua essência parece constituir um balanço do acontecido na cena internacional entre dois importantes marcos do Sec XX, a 1ª Grande Guerra e a Queda do Muro de Berlim, parecendo querer transmitir uma "catástrofe humana" que foi o século XX, seja pelas mortandades gigantescas, sem qualquer precedente histórico, seja pela desvalorização do indivíduo, ao qual, du-

rante longos momentos do século, foram negados todos os direitos humanos e civis, que arduamente haviam sido conquistados durante o 'longo século' precedente: 1789-1914. A sua leitura conduz-nos a uma nova reflexão perante algumas questões como, por exemplo, a Guerra Fria, os fenómenos da economia e a Globalização, sendo uma excelente contribuição para um melhor esclarecimento do Sex XX.

– "DA GUERRA" de Clausewitz e "THE UTILITY OF FORCE" do General Sir Rupert Smith

Certamente dos livros mais importantes na formação de qualquer Oficial, ou não tivesse já sido apontado pelos dois ilustres oficiais que

me antecederam nesta coluna. De facto, "Da Guerra" facultou o entendimento de algumas questões e contribuiu largamente para a minha parca cultura militar. Porém, actualmente julgo que esta obra, deverá ser conjugada com a obra de Sir Rupert Smith, "The utility of Force". "A Guerra já não existe. Pelo menos no conceito tradicional, pese embora conflitos, confrontos e combates subsistam". É assim que o autor, Comandante das Forças das Nações Unidas na Bósnia-Herzegovina, inicia esta Obra. Recorrendo a vários conceitos Clausewitzianos, mas dando particular ênfase ao conceito da tríade - Forças Armadas, Estado e o Povo - Sir Rupert Smith afirma que as guerras são agora feitas pelo Povo, entre as gentes, e é o Povo, o objectivo estratégico. Além de que, contrariamente ao passado onde os agressores pretendiam eliminar os Estados, hoje pretende-se eliminar o Povo. Fazendo jus às minhas limitações, socorro-me de Javier Solana que tão eloquentemente descreveu este livro, como "uma obra que nos ajuda a compreender como fazer política bem".

– "MOUZINHO" do General Ferreira Martins

Não querendo correr o risco de ser acusado de plágio, julgo que aquilo que o nosso Cor Calçada elaborou acerca desta obra é esclarecedor. De facto, este é um livro que considero fundamental na formação do Oficial de Cavalaria. Pelo menos, pessoalmente constituiu uma referência especial.

– "PORTUGAL MILITAR" de Carlos Selvagem.

Esta obra constitui uma referência essencial para qualquer Soldado Português. Poucos terão sido os que, depois de a lerem, ficaram indife-

rentes e desapaixonados quanto ao estudo de um povo cuja história se encontra repleta, não só de grandes feitos, mas também de alguns desastres. Contrariamente a Fukuyama que estabelece a direccionalidade da história, julgo que esta obra, para além de dar a conhecer aquilo que Portugal foi outrora, possibilita o entendimento de vários episódios de que os portugueses foram actores na cena das relações internacionais.

– "A VERTIGEM DA DESCOLONIZAÇÃO" do General Gonçalves Ribeiro

Nascido nos sertões africanos, desde sempre tudo o que diz respeito ao processo de descolonização, constitui fonte de interesse que na minha modesta opinião, julgo ter acontecido a um ritmo estonteante, sem previa preparação ou projecto concertado entre as partes e onde os militares portugueses desempenharam tão importante papel.

Assim, esta obra que nos fala de um processo que culminou 13/14 anos de guerra sustentada por Portugal em três teatros de operações, lida logo após o terminus do Curso de Estado-Maior, foi uma forte contribuição, para a compreensão de algumas páginas recentes da nossa história e, conseqüentemente, das capacidades do Povo Português. Leitura recomendada para todo o militar do QP e indispensável para aqueles que tencionam efectuar uma missão no âmbito da Cooperação Técnico-militar no Continente Africano.

– "PÁGINAS SECRETAS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL" de Rainer Darhnhardt

Quem não presenciou já um acontecimento e passado algum tempo o viu narrado ou noticiado de forma adulterada e omitindo certos factos. Quem já passou por

experiência própria e se interessa por história e possui uma saudável curiosidade intelectual, não pode, portanto, deixar de questionar o que esteve por detrás das versões oficiais da história. Este espírito inquisidor, desperto por um antigo mestre de História Militar e Estratégia da AM, o "velhinho", levou-me a ler esta Obra, onde o autor, baseado em fontes pouco exploradas, (vá-se-lá saber o motivo!) traz à nossa leitura outras perspectivas e acontecimentos da nossa história.

Odiando o dogma e tendo sempre presente que abordar religião e política, "comadres" que na história de Portugal sempre andaram de mãos dadas, implica ter mais do que uma referência para poder construir uma opinião, sou da opinião que este livro, contribui para despertar "a curiosidade", nem que seja apenas, e tão somente, para confirmar aquilo que de forma simples o autor nos propõe.

Já agora, leiam também "Homens, Espadas e Tomates", do mesmo autor.

– "O ROSTO DA BATALHA" de John Keegan

Esta obra, recomendada por um camarada por causa da análise que faz de três batalhas (Somme, Agincourt e Waterloo) e lida aquando de uma missão, marcou-me por duas razões principais. A primeira, por aquilo que me pareceu, por entre Tática e Estratégia, ser a questão central da Obra: numa Batalha, independentemente dos Generais, tudo se centra ao redor do combatente individual; a segunda, pela forma como o autor vai descrevendo aquilo que considera serem as deficiências da história militar, em particular porque para muitos historiadores não é mais do que a história dos grandes generais e suas acções.



Escola Prática de Cavalaria

TOMADA DE POSSE DO NOVO COMANDANTE DA ESCOLA PRÁTICA DE CAVALARIA



No dia 04 de Setembro, teve lugar na Escola Prática de Cavalaria em Abrantes a tomada de posse do novo Comandante, o Coronel de Cavalaria Viriato César Coelho do Amaral, nomeado por escolha, por despacho N.º191/CEME/2007 de 09Ago07, de S. Ex.ª o Gen CEME.

O Cor Cav Viriato do Amaral nasceu em Pangim – Goa, Antigo Estado Português da Índia, em 13 de Abril de 1961, tendo ingressado na Academia Militar em 1979, onde se licenciou em Ciências Militares na Especialidade de Cavalaria. Foi promovido ao actual posto em 31 de Dezembro de 2005.

Anteriormente, desempenhava as funções de Adjunto do Comandante da Brigada de Intervenção para as Unidades da Estrutura Base do Exército.

Da sua folha de serviços constam 11 louvores e várias condecorações.

VISITA DO EXMO TGEN JOSÉ CARLOS CADAVEZ, DIRECTOR HONORÁRIO DA ARMA DE CAVALARIA À EPC



Em 01Out07 o Exmo TGen José Carlos Cadavez, Director Honorário da Arma de Cavalaria (DHAC) efectuou uma visita de trabalho à EPC nas suas actuais instalações em Abrantes, onde lhe foi dado a conhecer os novos desafios que esta Escola terá de enfrentar a curto prazo, nomeadamente na área da acreditação externa do sistema de formação, na definição e implementação do sistema de formação inicial da VBR Pandur II 8x8 e na adaptação e realização de novas infra-estruturas de apoio à instrução e alojamento dos cursos.

Após o almoço, o Exmo TGen DHAC visitou as instalações da EPC, tendo de seguida assinado o Livro de Honra.

Esta visita coincidiu com a “espera” dos novos Aspirantes Tirocinantes, pelo que o Exmo TGen DHAC deu início às actividades relacionadas com a mesma, tendo recebido a formatura a cavalo dos Oficiais que efectuaram a “espera” aos novos Aspirantes, e posteriormente deu as boas vindas aos Oficiais do TPO de 1957, bodas de ouro, e 1982, bodas de prata.

Após o “A PÉ” no interior das instalações, seguiu-se o tradicional jantar, presidido pelo Exmo TGen DHAC onde, num gesto de camaradagem, os novos Tirocinantes foram calorosamente recebidos pelas gerações mais “antigas” de cavaleiros, em sã confraternização e amizade.

ESPERA DOS TIROCINANTES DE CAVALARIA



Em 01Out07, presidida pelo TGen José Carlos Cadavez, Director Honorário da Arma de Cavalaria, teve lugar a tradicional “Espera” dos Aspirantes Tirocinantes de Cavalaria que, este ano se realizou pela primeira vez na cidade de Abrantes.

A “Espera” é no fundo a primeira instrução de equitação do Tirocinio para Oficiais, uma instrução que integra alguns condimentos especiais que visam testar o desembarço físico dos novos cavaleiros. A instrução consiste numa marcha a cavalo por terrenos variados e culmina com uma carga a cavalo. Esta carga, por seu turno, termina com o tradicional “A Pé” no interior das instalações da EPC.

Como de costume, a ocasião constituiu um momento de convívio entre os novos Aspirantes, os Oficiais da EPC e praticamente uma centena de Oficiais de Cavalaria no Activo, na Reserva e na Reforma.

No tradicional jantar, os novos Tirocinantes foram calorosamente recebidos pelas gerações mais “antigas” de cavaleiros, designadamente os Oficiais dos cursos que fizeram as esperas em 1957, bodas de ouro e em 1982, bodas de prata, os quais, como é da tradição, foram alvo de uma homenagem prestada pela EPC.



Regimento de Lanceiros n.º 2

“ESTÁGIO DE Protecção DE PESSOAL”



Realizou-se no Regimento de Lanceiros N.º 2, no período de 16 a 27 de Julho de 2007, o Estágio de Protecção de Pessoal, frequentado por 05 Sargentos e 11 Praças, oriundos do Regimento de Infantaria N.º10 e Centro de Tropas Comandos, parte dos quais irão integrar as próximas Forças Nacionais Destacadas no Teatro de Operações do Afeganistão, bem como 3 Oficiais e 1 Sargento do RL2.

“VISITAS DOS CAPELÃES DAS FORÇAS ARMADAS PORTUGUEAS”



O Regimento de Lanceiros N.º2 recebeu no dia 11 de Setembro de 2007, a visita dos Capelães das Forças Armadas Portuguesas, tendo por objectivo a realização de uma reunião no âmbito do Ordinário Castrense. Após a apresentação de cumprimentos ao Exmo. Comandante foi efectuado um Briefing na Biblioteca do Regimento, onde os visitantes tiveram a oportunidade de conhecer a realidade do dia a dia do Regimento, a sua Missão, Organização e Possibilidades. O almoço contou com a presença de sua Exa. o Bispo das Forças Armadas e de Segurança D. Januário Torgal Ferreira, do Exmo. TGen Comandante Operacional, TGen Artur Neves Pina Monteiro e do Exmo. MGen Director da DSP, MGen José Carlos Mendonça da Luz, seguindo-se a reunião do Ordinário Castrense na Biblioteca do Regimento. A visita terminou com a apresentação de cumprimentos de despedida ao Exmo. Comandante.

“VISITA DO GRUPO DE ADIDOS MILITARES ACREDITADOS EM PORTUGAL”



Decorreu no passado dia de 20 de Setembro de 2007, no Regimento de Lanceiros N.º2, a visita do Grupo de Adidos Militares Acreditados em Portugal.

Através de um breve Briefing realizado na Sala de Comandantes foi dada a conhecer a realidade e o dia a dia do Regimento de Lanceiros N.º 2, a sua

Missão, Organização e Possibilidades. De seguida efectuou-se uma visita pelo Regimento, onde foi possível ver uma exposição estática que decorreu na Parada Marechal Carmona, e posteriormente uma visita às instalações, de acordo com os pontos de interesse habitualmente manifestados pelos Adidos Militares. Visita essa concluída com uma passagem pelo museu do RL2. O almoço realizado na Messe de Oficiais contou, para além dos Adidos, com a presença do Exmo. MGen Director DCSI - MGen José Artur Paula Quesada Pastor. Na Sala de Comandantes foi efectuada uma pequena cerimónia de despedida onde foram apresentados os cumprimentos dos Adidos Militares ao Exmo. MGen Quesada Pastor e ao Exmo. Comandante do Regimento de Lanceiros N.º2.

“VISITA DO EXMO. TENENTE-GENERAL COMANDANTE OPERACIONAL”

No passado dia de 13 de Setembro de 2007, o Regimento de Lanceiros N.º2 recebeu a visita do Exmo. Tenente-General Comandante Operacional, TGen Artur Neves Pina Monteiro.

Após uma breve apresentação de cumprimentos na Sala de Clarins e de um serviço de café no Bar de Oficiais procedeu-se à apresentação de um Briefing, realizado na Sala de Comandantes, sobre a Unidade onde foi dada a conhecer a realidade e o dia a dia do Regimento de Lanceiros N.º 2, a sua Missão, Organização e Possibilidades. De seguida efectuou-se uma visita pelo Regimento, onde foi possível ver uma exposição estática que decorreu na Parada Marechal Carmona, com os materiais mais significativos existente no GPE e posteriormente uma visita às instalações, visita essa que contou com a passagem pelo Museu, seguida de almoço na Messe de Oficiais.

Na Sala de Comandantes foi efectuada uma pequena cerimónia de despedida onde decorreu a assinatura do Livro de Honra do RL2 pelo Exmo. TGen Comandante Operacional e uma singela mas significativa troca de lembranças.

“VISITA DO EXMO. TENENTE-GENERAL DIRECTOR HONORÁRIO DA ARMA DE CAVALARIA”



Após uma breve apresentação de cumprimentos na Sala de Clarins e de um serviço de café no Bar de Oficiais procedeu-se à apresentação de um Briefing, realizado na Sala de Comandantes, sobre a Unidade onde foi dada a conhecer a realidade e o dia a dia do Regimento de Lanceiros N.º 2, a sua Missão, Organização e Possibilidades. De seguida efectuou-se uma visita pelo Regimento, onde foi

possível ver uma exposição estática que decorreu na Parada Marechal Carmona, com os materiais mais significativos existente no GPE e posteriormente uma visita às instalações, visita essa que contou com a passagem pelo Museu, seguida de almoço na Messe de Oficiais.

Na Sala do Director Honorário da Arma de Cavalaria decorreu a assinatura do Livro de Honra do RL2 pelo Exmo. TGen José Carlos Cadavez e posteriormente na Sala de Comandantes uma singela mas significativa troca de lembranças.

“III CURSO DE CONTROLO DE TUMULTOS.”



Realizou-se no Regimento de Lanceiros N.º2, no período de 10 a 28 de Setembro o III Curso de Controlo de Tumultos (III CCT).

O III CCT foi ministrado a 23 militares, dos quais 8 Oficiais e 15 Sargentos, provenientes do RL2, da EPI, do RI15 e do Batalhão de Fuzileiros.

Este Curso visa contribuir significativamente para que os instrutores adquiram todos os conceitos no âmbito do Controlo de Tumultos, tendo em conta que o princípio mais importante, é o emprego da força mínima para o cumprimento da missão.

“SEMINÁRIO PORTUGAL E O MEDITERRÂNEO – PERSPECTIVAS GEOESTRATÉGICAS.”



Realizou-se no Regimento de Lanceiros N.º2, em 17 de Outubro de 2007 um Seminário subordinado ao tema: “Portugal e o Mediterrâneo – Perspectivas Geoestratégicas” organizado conjuntamente pelo Regimento de Lanceiros N.º 2 e pelo Centro de História da Universidade de Lisboa.

Este Seminário teve como Coordenadores o Sr. Professor Doutor Pedro Barbosa e o Coronel de Cavalaria Carlos Alberto Baía Afonso e contou com o apoio do Instituto Luso-Árabe para a Cooperação (ILAC); do Observatório de Segurança, Criminalidade Organizada e Terrorismo (OSCOI) e da Revista Segurança e Defesa.

No final, na Sessão de Encerramento, foi mais uma vez enaltecido o valor desta iniciativa, criando-se a oportunidade de debate acerca da Caracterização Geopolítica, Análise Estratégica do Mediterrâneo e Análise dos Riscos com a temática das Migrações; os Terrorismos e os Desafios.



Regimento de Cavalaria n° 3

VISITA DE ESTUDO DOS ALUNOS 3º ANO AM DE CAVALARIA

Em 24JUL07 realizou-se a visita de estudo dos Alunos do 3º Ano de Cavalaria da Academia Militar.

Com esta visita, pretendeu-se enriquecer profissionalmente os futuros Oficiais de Cavalaria com a realidade do Regimento, dando-lhes a conhecer as respectivas missões, organização, meios, serviço interno e demais tarefas que lhe estão cometidas.

VISITA AO RC3 DO EXMO. TGEN JOÃO NUNO JORGE VAZ ANTUNES, COMANDANTE DA INSTRUÇÃO E DOCTRINA



No âmbito do Plano de Visitas do Exmo. TGen João Nuno Jorge Vaz Antunes, Comandante da Instrução e Doutrina, este visitou o RC3 em 08AGO07.

COMEMORAÇÕES DO 300º ANIVERSÁRIO DO RC3

No passado dia 05 de Setembro tiveram início as comemorações do 300º Aniversário do Regimento de Cavalaria 3, com a tradicional marcha a cavalo que se iniciou no Museu Militar de Elvas (EX-R18), terminando em Estremoz, no RC3.



No dia 07 realizou-se pelas 18 horas um colóquio "RC3 Passado e Presente" pelo Cor Inf. Henriques e Cor. Inf. Branco, no Salão Nobre da Câmara Municipal de Estremoz.

Dia 10 foi inaugurado no Convento S.

João de Deus (Casa de Sargentos) uma exposição de tema militar em colaboração com a DHCM e o Museu Militar de Lisboa.

Grupo Folclórico dia 10 de Setembro e dia 12 Fados (com a colaboração da C.M. Estremoz)

No dia 11 realizou-se o já tradicional passeio de BTT, cujo percurso se estendeu por 37 km com uma pequena passagem pela Serra d'Ossa.



No dia 12 realizou-se um Torneio de tiro aos pratos, no campo da Associação Desp. Caça e Pesca de Estremoz, torneio aberto aos militares e civis.

No dia 13, o programa contemplava a actuação da Orquestra Ligeira do Exército, que actuou pelas 21h30 no Rossio Marquês de Pombal.

Participação de Artistas Militares no EncontroArtes (14 a 16Set) no Parque de Feiras em Estremoz.

No dia 14 de Setembro, os Dragões de Olivença encerram o conjunto de actividades militares e culturais com a realização de uma cerimónia Militar no Rossio Marquês de Pombal, que foi presidida pelo Exmo. TGen VCEME Francisco António Fialho da Rosa.

O RC3 foi ainda agraciado com a Ordem Militar de Avis.

EXCERTOS DO DISCURSO DO EXMO. CMDT DO RC3:



"...Exmo. Senhor General Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército, Excelência, A presença de V.Exª. na cerimónia do



tricentésimo aniversário do RC3 confere-lhe especial brilho e significado. Os militares e civis que servem neste Regimento, sentem-se honrados e altamente distinguidos com a presença de V. Exª e entendem-na como o reconhecimento pelo trabalho desenvolvido por aqueles que aqui devotadamente serviram nos últimos 3 séculos..."

"...A nota final que considero importante salientar nesta alocução, refere-se à inserção do Regimento de Cavalaria 3 no ambiente de Estremoz, em particular, e do Alentejo em geral. Pelo que me foi dado constatar até à presente data, poucas unidades militares estarão tão bem inseridas, numa perspectiva sócio-cultural, na região onde estão sedeadas. Efectivamente, o Regimento é um caso particular de empatia com a terra e as gentes que procura servir por todos os meios ao seu alcance, esta empatia não é de forma alguma despreciada em termos do cumprimento da Missão. Se por um lado tem um volume acrescido de solicitações, até devido à vasta extensão da sua área de responsabilidade, por outro lado, o visível orgulho que as gentes ostentam pelo "seu" Regimento serve de motivação acrescida para quem nele serve, fazendo esquecer as limitações e dificuldades inerentes ao cumprimento da Missão, que nos foi cometida e que, com toda a nossa capacidade e empenho, nos esforçamos por cumprir, a bem do Regimento e de Portugal..."



Quartel da Cavalaria em Santa Margarida Ex-Regimento de Cavalaria n° 4

EXERCÍCIO "RINOCERONTE 071"



No período de 08OUT07 a 10OUT07 o GCC realizou o exercício "RINOCERONTE 071". Este exercício culminou a 1ª Fase de instrução do 2º Semestre de 2007 e teve como finalidade primária validar a instrução ministrada a Quadros e Tropas correspondente ao treino individual.

FOGOS REAIS



Em 29Nov07 o GCC e o ERec executaram uma sessão de fogos reais diurnos e nocturnos com parte do seu Encargo Operacional, sendo de realçar o Tiro de Carro de Combate e o Tiro de Morteiros.

INSTRUÇÃO

Cursos de Condutores e Muniçadores de CC

- Condutores de CC: 15Jan07 a 02Fev07 e 3 a 21Set07, a 32 e 16 militares, respectivamente;
- Muniçadores de CC: 21 a 29Mai07 e 17 a 21Dec07, a 22 e 20 militares, respectivamente.

CURSO DE TOW

Decorreu, no período de 26Nov07 a 07Dez07, o Curso de Instrutores de Míssil TOW. A formação, ministrada pelo Esquadrão de Reconhecimento,

contou com 15 Oficiais e Sargentos de várias Unidades do Exército tendo todos os formandos terminado o curso com aproveitamento.

APOIO A MISSÕES DE INTERESSE PÚBLICO

Integrado no esforço do Exército no Combate aos Incêndios Florestais, o GCC tomou parte no plano "MARGALIRA 07" e "VULCANO 07". De realçar o seu emprego no Concelho de Sardoal no apoio aos Bombeiros Locais e às populações afectadas. Na Região da Serra da Azeiteira – Arganil, efectuou patrulhamentos, que em média rondavam, diariamente, 200 Km.

APOIO À EPC NA FORMAÇÃO DE PANDUR II 8X8



Em 15 de Outubro deu-se início nas instalações do QCav à Formação de Quadros de Tropas no âmbito do programa de aquisição da Viatura Pandur II

8X8. Os cursos que decorrem sob a égide da Escola Prática de Cavalaria, EPR da Formação para esta viatura, conta com o apoio do GCC e ERec, através da cedência de instalações e instrutores.

VISITA DELEGAÇÃO HOLANDESA – CC LEOPARD2 A6

No âmbito do programa de aquisição dos CC LEOPARD2 A6 realizaram-se um conjunto de reuniões de trabalho no QCav no período de 13 a 16NOV com elementos do Exército Holandês, tendo sido abordados os seguintes aspectos:

- Formação/instrução das guarnições de CC e dos técnicos de manutenção;
- Adequação das instalações ao sistema de manutenção do CC LEOPARD.

ACTIVIDADE DESPORTIVA

Nos últimos meses o GCC e o ERec participaram com as suas equipas nos campeonatos desportivos militares que a seguir se indicam:

- "LVI Grande Prémio da Avenida Nun'Alvares" em 21Set07, com a vitória individual do 1CAB Paixão do GCC.
- Campeonato de Corta Mato - Fase Regional em 30Out07, onde mais uma vez o 1º Cabo Paixão venceu e o GCC obteve o 2º Lugar Colectivo no Escalão Feminino e 1 Escalão Masculino.
- "LVII Grande Prémio da Avenida Nun'Alvares" em 14Dez07, com a vitória geral colectiva do GCC e individual do 1CAB Paixão.
- Prova de BTT da BrigMec em 06Nov07 tendo o GCC obtido o 2º Lugar Colectivo.



No Campeonato de Corta Mato - Fase Exército realizado em 07Dec07 alguns militares do GCC integraram a equipa da BrigMec merecendo destaque o 1º lugar da classificação geral do 1º CABO BRUNO PAIXÃO que se sagrou assim Campeão do Exército.

COMEMORAÇÕES DO S. MARTINHO



Em 08Nov07 o QCav organizou as já tradicionais comemorações do S. Martinho que incluíram o almoço convívio por Subunidades, realizado nos respectivos Esquadrões e que incluiu o magusto (castanhas e água-pé). Para finalizar decorreu na Messe de Oficiais um jantar convívio com a presença de convidados das restantes Unidades da BrigMec, familiares dos nossos militares e um Grupo de Fadistas que abrilhantou a noite.



Regimento de Cavalaria nº 6

APONTAMENTO DO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO / NATO RESPONSE FORCE 11



A *Rece Coy*/NRF 11, sob o comando do MAJ Cav. Peralta Pimenta, foi constituída com base no ERec/RC 6/BrigInt, tendo iniciado o seu apontamento em 12JUL07. A fase de treino e certificação nacional decorrerá até 11JAN08, seguindo-se um período de treino e certificação multinacional no decurso do 1.º semestre de 2008. Uma vez certificada, a Força será mantida em *stand-by*, nos seis meses subsequentes, com elevada categorização de prontidão, preparada para, à ordem, ser rapidamente projectada e empenhada em todo o espectro operacional da NATO, em qualquer área de crise do globo onde a Aliança entenda por necessário.

COMEMORAÇÃO DO DIA DA UNIDADE

No auge dos seus 298 anos de existência, os "Dragões de Entre-Douro-e-Minho" evocaram o combate de ARMINON – travado em 21JUL1837, durante a Guerra da Sucessão de Espanha, no qual as forças do "6" se cobriram de glória pela sua audácia e heroísmo – através de diversas iniciativas de âmbito alargado, no intuito de envolver e interagir mais estreitamente com a população de Braga, cida-



de onde o Regimento se encontra implantado há quase 28 anos e que dela é já, indiscutivelmente, parte indissociável. Assim, com o inestimável apoio do Comando da BrigInt e o entusiástico empenhamento, desde a primeira hora, patenteado pela Câmara Municipal de Braga, foram concretizadas as actividades que se enumeram: O I Encontro de Pintura, de 12 a 18JUL07, no RC 6, aberto à participação de artistas amadores da região e subordinado ao tema: "O RC 6 e a Cidade de Braga", que teve como vencedor um trabalho do reputado pintor Francisco Neto (Técnica Mista); Os Concertos pela Orquestra Ligeira do Exército; "Soirée" em 18JUL07, na Avenida Central, dedicada à popula-



ção de Braga; "Soirée" em 19JUL07, no Theatro Circo, dedicada às autoridades civis, religiosas, académicas, policiais, militares, empresariais e outras distintas personalidades da Cidade de Braga.

– As Apresentações da "Reprise" da Escola de Mafra, em 17 e 18JUL07, na Praça Conde de Agrolongo, dedicadas à população de Braga.

A Cerimónia Militar, em 20JUL07, culminou as celebrações. Do seu programa avultam: a Missa de Sufrágio na Capela regimental; a prestação de Honras Militares ao Exmo. DHAC, TGEN José Carlos Cadavez, que presidiu à Cerimónia, a Homenagem aos Mortos em Campanha, as Alocuções do Comandante do RC 6 e do Exmo. Comandante da BrigInt, a Imposição de Condecorações e o Desfile



das Forças Apeadas e Motorizadas.

Seguiu-se uma Demonstração de Carregamento do 1.º EAM, uma Exposição Estática de Viaturas, Armamento e Equipamentos do ERec/NRF 11 e, por fim, um almoço de convívio que reuniu entidades militares e civis convidadas, antigos militares da Unidade e do ex-RI 8, bem como o pessoal militar e civil em serviço no Regimento.

VISITA DE S. EX.º O CHEFE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO, GENERAL JOSÉ LUÍS PINTO RAMALHO



O RC 6 recebeu, em 24SET07, a visita de S. Ex.º o Chefe do Estado-Maior do Exército, GEN José Luís Pinto Ramalho. Acolhido à chegada pelo TGEN Comandante Operacional, MGEN Comandante da BrigInt e Comandante da Unidade, foram prestadas as honras devidas ao Comandante do Exército e proporcionado um *briefing* de situação do Regimento, perspectivas e aspectos que suscitam preocupações do seu Comando.

Seguiu-se uma apresentação do ERec/NRF 11 em ordem de marcha na Parada MOUZINHO, uma visita à Unidade e o almoço, que contou com a presença do Presidente da Câmara Municipal de Braga, Eng.º Mesquita Machado. Na conclusão da sua visita, o General CEME fez questão de reiterar no Livro de Honra do RC 6 a sua "confiança no Comando do Regimento e nos seus militares, para continuar a afirmar a operacionalidade, profissionalismo, eficiência e eficácia, a bem do Exército e do País".

JORNADAS DO DIA DA DEFESA NACIONAL, EDIÇÃO 2007-2008

O RC 6 iniciou em 15OUT07, um novo ciclo de Jornadas do Dia da Defesa Nacional, visando, nos termos da lei, sensibilizar e educar os jovens que atingem a maioridade, nas questões relativas à Defesa Nacional e Forças Armadas. O funcionamento do Centro de Divulgação de Defesa Nacional sediado no quartelamento, irá decorrer, numa 1.ª fase, até 28NOV07 e a posteriori, de 07FEV a 11ABR08, estimando-se que, à razão de 130 jovens/dia, passem pela Unidade mais de 9.800 cidadãos. A par do apoio à actuação das Equipas de Divulgação da DGPRM/MEN, o RC 6 colabora activamente no Dia da Defesa Nacional, através de uma exposição de viaturas, armamento, equipamentos e outros materiais em uso no Regimento, de apresentações de actividades militares e capacidades operacionais, bem como outras iniciativas convidando à participação dos jovens, no âmbito da iniciação à Educação Física Militar e à Equitação.

INSPECÇÃO GERAL ORDINÁRIA AO RC 6

Em cumprimento do Plano Anual de Inspeções do Exército para 2007, aprovado por despacho de S. Ex.º o GEN CEME, uma equipa da Inspeção-Geral do Exército, chefiada pelo MGEN Ferreira da Silva, conduziu em 16 e 17OUT07, uma Inspeção Geral Ordinária ao RC 6. A inspeção incidiu nas áreas de Comando, Pessoal, Informações, Segurança Militar e Operações, Engenharia e Protecção Ambiental, Transmissões, Saúde, Intendência, Material e Transportes, Finanças e Instrução.

COMEMORAÇÕES DO DIA DO EXÉRCITO 2007

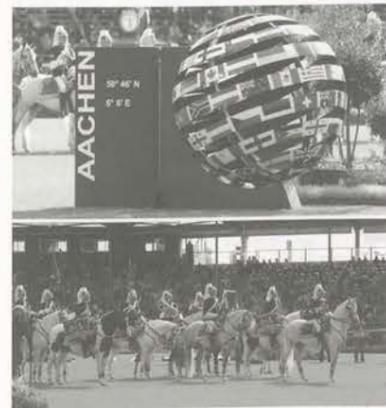
No contexto da efemeride, o RC 6 promoveu várias iniciativas em ordem a propiciar um melhor conhecimento da Unidade, a promover a BrigInt e a contribuir para o reforço do prestígio e da imagem do Exército. Destacam-se as seguintes: Participação na Exposição Estática de Capacidades e Meios, em Leiria, de 19 a 21OUT07, com 01 AM COMMANDO V-150, 01 VBR CHAIMITE V-200, 01 VBMort CHAIMITE V-600 e 01 Radar VCB AN/PPS-5B; Recepção e acompanhamento de 175 alunos e acompanhantes dos Colégios Sete Fontes e Luso Internacional de Braga e da Escola de Referência de Orientação do Desporto Escolar da Escola Secundária Carlos Amarante, que, em 24OUT07, visitaram a Unidade. Em parceria com o Clube de Orientação do Minho, o Regimento proporcionou aos visitantes uma jornada agradável e de convívio, através da prática da actividade física e do contacto com viaturas, materiais e equipamentos em uso no Exército.



Regimento de Cavalaria da GNR

No trimestre compreendido entre Agosto e Novembro de 2007, o Regimento de Cavalaria da GNR assinala algumas das actividades realizadas:

CHARANGA NO "WORLD EQUESTRIAN FESTIVAL CHIO AACHEN 2007", ALEMANHA



A Charanga a Cavallo da GNR foi "embaixadora" de Portugal no maior acontecimento desportivo hípico mundial, na cidade de Aachen. Portugal foi convidado de honra com a distinção de país temático. Coube à FEP estabelecer a ligação com a organização, papel que destacamos e muito elogiamos.

GALA À ANTIGA PORTUGUESA NO CAMPO PEQUENO



Para além da reacção entusiástica do público presente na praça de toiros, são múltiplas as reacções elogiosas que temos recebido, bem como aquelas que constam na imprensa nacional e internacional sobre o brilho alcançado. "... a Radiotelevisão Espanhola, encerrou o seu programa de actualidades tauromáquicas 'Tendo Cero', com imagens do cortejo histórico ..." David Ferreira, Director-Geral da Soc. de Renovação Urbana Campo Pequeno, S.A.

PROTEGER A FLORESTA



Durante os três meses mais quentes do ano o Regimento de Cavalaria participou no esforço de segurança e protecção da Floresta da Zona de Acção do Grupo Territorial da GNR de Sintra, onde manteve uma força constituída por 2 Esquadras a Cavallo, as quais realizaram mais de 400 patrulhas, as quais representaram um total de 4800 Kms a cavalo em prol da prevenção e dissuasão do crime contra o meio ambiente e em especial contra a floresta.

TRASLADAÇÃO DOS RESTOS MORTAIS DE AQUILINO RIBEIRO



A 19 de Setembro de 2007, as Honras Militares estiveram a cargo do Esquadrão Presidencial do Regimento de Cavalaria da GNR.

LISBOA SEM CARROS

"Aos Domingos, o Terreiro do Paço é das Pessoas". A Cavalaria da GNR, esteve no centro das atenções. Entre outras actividades, a preferida da população de Lisboa foi a ferração de cavalos ao vivo, a mais popular para todos os escalões etários.



DIRECTORES NACIONAIS DAS ESCOLAS DA POLÍCIA NACIONAL DE ANGOLA EM VISITA AO RC/GNR



A visita teve naturalmente a sua tónica centrada nos modelos de formação dos profissionais de cavalaria da GNR, a que equivale na Polícia Nacional de Angola, a Especialidade de Cavalaria, cuja formação é ministrada na Unidade de Polícia Montada, onde recentemente terminou o I Curso Especifico de Cavalaria, ministrado em Luanda pelo Regimento de Cavalaria da GNR, no âmbito do Protocolo de Cooperação Técnico-Policial entre os dois países com o apoio do Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento.

DIA MUNDIAL DO TURISMO EM LOURES



A Charanga a Cavallo da Guarda participou no Dia Mundial do Turismo em Santo Antão do Tojal. Assistiu-se a uma reconstituição histórica do século XVIII, com a recreação da presença de El-Rei D. João V e sua corte a qual contou com a presença de duas centenas de figurantes. Foram reproduzidas diversos aspectos da vida social da época num evento que se tem notabilizado pela sua qualidade e profissionalismo da organização a cargo do pelouro do Turismo Municipal e da Junta de Freguesia de S. Antão do Tojal.



Centro Militar de Educação Física e Desportos

SEMANA DE FÉRIAS PARA JOVENS

Realizou-se mais uma vez as Semanas de Férias para Jovens, no período de 25 a 29JUN07, destinada a filhos de militares das unidades sediadas em Mafra e de 02 a 06JUL07, para filhos de militares de outras Unidades.

Apesar do regime de internato, estas duas semanas de férias foram um imenso êxito entre os miúdos, especialmente devido às actividades programadas. Desde ao contacto com os cavalos, onde se deu especial atenção a actividades de limpeza e tratamento dos mesmos assim como das suas instalações, até actividades como natação, futebol e actividades mais "radicais" tais como rappel ou slide, fizeram com que as condições especiais da Tapada Militar proporcionassem a todos momentos para recordar.

As semanas encerraram com uma visita ao Clube do Lobo Ibérico, e os amigos que se fizeram durante este período ficaram para trás, talvez com a promessa de voltar para o ano.

ENCERRAMENTO DO CURSO DE INSTRUTORES DE ESGRIMA E COMBATE CORPO A CORPO



Realizou-se em 27JUL07, a Cerimónia de Encerramento do Curso de Instrutores de Esgrima e Combate Corpo a Corpo.

Presidida pelo Comandante em exercício de funções, TCOR INF Filipe Jorge Pires Medina de Sousa em representação do Ex.mo MGEN Director de Formação, que contou com a presença de diversos convidados, entre os quais o Presidente da Federação Portuguesa de Esgrima, foram entregues aos formandos os diplomas e insígnias.

Finalizada a Cerimónia, seguiu-se uma demonstração de actividades na Sala de Armas à qual se seguiu um almoço na Sala de Oficiais.

VISITA DE TRABALHO DO TGEN COMANDANTE DA INSTRUÇÃO E DOCTRINA

Em 07AGO07 o Comandante do Centro, COR CAV Paula Santos acompanhado pelo 2º Comandante, TCOR INF Medina de Sousa receberam na Porta da Armas do CMEFD, o TGEN Vaz Antunes.

De seguida os Chefes das Secções de Estado-Maior deram as boas vindas ao Comandante da Instrução e Doutrina.

No auditório foi dado um briefing, onde foi exposta a situação actual do CMEFD. Seguiu-se o almoço na Sala de Oficiais, e após o almoço o TGEN Vaz Antunes, acompanhado pelo Comandante e 2º Comandante, visitaram as instalações do Centro assim como a Tapada Militar.



Após a habitual assinatura do livro de honra, o Comandante da Instrução e Doutrina deu por finalizada a visita ao CMEFD.

FILMAGENS NA TAPADA MILITAR

A Radio Televisão Portuguesa efectuou em 08AGO07, na Tapada Militar, filmagens de algumas cenas para o Documentário "Chegaram os Franceses".

Com o apoio do CMEFD, que cedeu os cavalos e cavaleiros, ao longo do dia, a produção aproveitou as magníficas condições fornecidas pela Tapada Militar para recriar o ambiente da época das Invasões Francesas.

INICIO DO CURSO DE INSTRUTORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA MILITAR



Em 03SET07, teve início mais um CIEFM. Contando com 15 formandos, 10 Oficiais e 5 Sargentos, é de destacar a presença de 1 Oficial de São Tomé e Príncipe e outro de Timor Leste. Com a duração de 15 semanas, este Curso tem o seu terminus previsto para 15DEC07.

CERIMONIA DE ENCERRAMENTO DO CURSO DE INSTRUTORES DE TIRO DESPORTIVO



Decorreu entre 03 e 28SET07, o Curso de Instrutores de Tiro Desportivo. Com 10 formandos, 2 Oficiais e 8 Sargentos.

Em 28SET07 realizou-se a Cerimónia de Encerramento do Curso presidida pelo Comandante do CMEFD, COR CAV Paula Santos em representação do Ex.mo MGEN Director da Formação. De salientar a presença de diversos convidados, entre os quais representantes dos Comandantes

das Unidades dos formandos. Após o discurso do Director de Curso, CAP INF Jorge Soares, foram entregues os Diplomas e insígnias. Terminada a Cerimónia, seguiu-se um almoço no Refeitório das Bicas, na EPI.

FILMAGENS NA TAPADA MILITAR

A Produtora "David & Golias" realizou de 27 a 29SET07, filmagens de algumas cenas do filme "O Dia do Regicídio".

O Protocolo estabelecido com o CMEFD, permitiu a utilização de cavalos e carruagens pertencentes a este Centro, bem como a utilização da Tapada Militar.

Dirigido por Fernando Vendrell, este filme conta com alguns actores conceituados como Vitor Norte ou José Raposo.

Três dias de aparato onde se tentou recriar um dia de caça, que mais uma vez deu a conhecer as magníficas condições que o CMEFD e a Tapada Militar podem oferecer para este tipo de eventos.

COMEMORAÇÃO DO 96º ANIVERSÁRIO DO CMEFD



Presidido pelo TGEN João Nuno Jorge Vaz Antunes, Comandante da Instrução e Doutrina, celebrou-se em 16 de Novembro mais um Aniversário do CMEFD.

O Comandante do CMEFD, COR CAV Paula Santos proferiu uma alocução de abertura onde realçou as actividades que o Centro levou a cabo, tanto no apoio a organizações e associações do Concelho mas também a contínua reflorestação da Tapada Militar, e a colaboração nos preparativos para a comemoração dos 200 anos das Invasões Francesas.

Seguiu-se a imposição de condecorações a militares e a atribuição ao CMEFD da Medalha de Mérito Municipal - Grau Ouro pelo Presidente da Câmara Municipal de Mafra, Engº Ministro dos Santos.

Por volta do Meio-dia deu-se início ao habitual corta-mato e após o terminus deste exibiu-se a Reprise no Campo dos Plátanos.

O Comando do Centro convidou todos os presentes a um almoço no Picadeiro Raso onde se cimentou o convívio entre várias gerações de militares que serviram esta casa.



UALE - Unidade de Aviação Ligeira do Exército

PASSAGEM À SITUAÇÃO DE RESERVA DO SMOR JOÃO LOURO

Em 31 de Outubro de 2007 passou à Situação de Reserva o Sargento Mor de Infantaria, João de Brito Pires Louro.

VISITAS À UALE

No passado dia 04 de Outubro de 2007 S.Exº o General Chefe do Estado-Maior do Exército, General José Luís Pinto Ramalho, efectuou uma visita de trabalho à Unidade de Aviação Ligeira do Exército (UALE), sendo acompanhado pelo Exmº Comandante Operacional, Tenente-General Pina Monteiro e pelo Exmº Comandante da Brigada de Reacção Rápida, Major-General Carlos Hernandez Jerónimo.

No dia 03 e 04 de Outubro de 2007 a UALE recebeu a visita do Curso de Pilotos do Exército Espanhol, constituída por 3 oficiais instrutores, 4 sargentos alunos e 1 sargento mecânico. Conforme o previsto no programa do curso, efectuaram um voo de instrução em dois helicópteros EC-135 com precedência da Base de Colmenar Viejo, do Centro de Ensino das Forças Aeromóveis do Exército de Terra (CEFAMET), e aterraram no Aeródromo Militar de Tancos.

CAMPEONATO DESPORTIVOS

A UALE, participou com 4 militares (2 masculinos e 2 femininos) em 16SET07 na 8ª Meia Maratona de Portugal.

Realizou-se no período de 16 a 24 de Outubro um torneio interno de Futsal, no qual participaram seis equipas.

Integrado nas comemorações do dia da unidade, realizou-se em 23 de Outubro o I Duatlo da UALE que contou, para além da equipa interna, com a participação das equipas da Escola de Tropas Paraquedistas e do Regimento de Infantaria 15, num total de 23 atletas e em 25Out07 o cross mensal da unidade que contou com a participação de 43 militares.

CERIMÓNIAS COMEMORATIVAS

Comemorou-se no passado dia 28 de Setembro de 2007 na cidade de Tomar, o dia da BrigRR, cerimónia presidida por S.Exº o Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército, Tenente-General Francisco António Fialho da Rosa, tendo a UALE

participado e apoiado a realização do programa das festividades.

Comemorou-se no passado dia 26 de Outubro de 2007, com carácter estritamente interno, o 2º Aniversário da Unidade de Aviação Ligeira do Exército, cerimónia presidida pelo Exmº Comandante da Brigada de Reacção Rápida.

PROTOCOLO COM O CENTRO NOVAS OPORTUNIDADES DE TOMAR

Em cumprimento da Directiva Nº. 25/ CmdOp/07, foi assinado no dia 13 de Novembro 2007 entre a UALE, representada pelo seu Comandante e o Centro Novas Oportunidades do Centro de Formação Profissional de Tomar - IEFPP, representado pela sua Directora, um protocolo para assegurar a entrada em processo de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC) dos profissionais que prestam serviço na UALE.

REFLEXÃO SOBRE O ADVENTO

No seguimento das reuniões de Capelães da Área Pastoral de Tancos/Santa Margarida com Sua Ex.ª Reverendíssima D. Januário Torgal Ferreira, Bispo das Forças Armadas e de Segurança, realizou-se na UALE no dia 05 de Dezembro de 2007 um encontro de Reflexão e Compromisso sobre o Advento onde estiveram presentes os Capelães desta Área Pastoral e que contou com a participação de militares da BrigRR, BrigMec, EPC, EPE, ETP, RI15, UALE e EstabPrisMil.

UTILIZAÇÃO DE PILOTOS DO EXÉRCITO NO MINISTÉRIO DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA (MAI)

Encontram-se actualmente a prestar serviço no MAI, 7 pilotos do exército (4 Oficiais e 3 Sargentos), utilizando o Helicóptero KAMOV da Empresa de Meios Aéreos.



Promoções e Nomeações.

PROMOÇÕES A:

COR Cav:

TCOR Cav LUÍS RODRIGUES DA SILVA

TCOR Cav JOSÉ MANUEL FERREIRA FANZERES

TCOR Cav JOSÉ MANUEL GOMES TAVARES

MAJOR Cav:

CAP Cav RUI MIGUEL DE SOUSA R. REBORDÃO DE BRITO

CAP Cav JOÃO PAULO DOS SANTOS FARIA

CAP Cav JOAQUIM INÁCIO PINTO NORUEGAS

CAP Cav:

CAP GRAD Cav MÁRIO ROCHA SILVA

CAP GRAD Cav DUARTE JORGE HEITOR CALDEIRA

CAP GRAD Cav FERNANDO JORGE FERREIRA LOPES

TEN Cav FERNANDO AMORIM DA CUNHA

TEN Cav JORGE RODRIGUES DOS SANTOS

TEN Cav MARCO ANTÓNIO FRONTOURA CORDEIRO

TEN Cav AMÉRICO FILIPE DA COSTA PEREIRA

TEN Cav ADRIANO AUGUSTO GOMES BRANCO

TEN Cav SANDRO MIGUEL NUNES SERRONHA

TEN Cav:

TEN GRAD Cav EDUARDO JORGE PEREIRA GOMES

ALF Cav FLÁVIO DE JESUS DA GRAÇA LIMA

ALF Cav MIGUEL ÂNGELO DA COSTA JORGE

ALF Cav GONÇALO NUNO ASCENSO SILVESTRE

ALF Cav ANDRÉ FILIPE CAPINHA MAIO

ALF Cav RICARDO FILIPE FERREIRA OLIVEIRA

ALF Cav GONÇALO NUNO M. DE C. MORAIS MEDEIROS

ALF Cav:

TEN/RC AL VALTER MIGUEL COSTA DE MELO (CARVALHO A)

ASP OF AL MARIA JOÃO PEDROSO CORREIA

ASP OF AL JOÃO PEDRO FARIA LEITE BARROSO

ASP OF AL HUMBERTO GOURDIN DE AZEVEDO COUTINHO ROSA

ASP OF AL RICARDO MANUEL MARTINS PEREIRA

DOS SANTOS COELHO

SCH Cav:

SAJ Cav JORGE MANUEL ALDEAGAS LOPES

ISAR Cav:

2SAR/1S Cav JOSÉ NELSON DE SOUSA BAPTISTA

2SAR Cav PEDRO JOÃO RIBEIRO DE AZEVEDO

2SAR Cav JOSÉ PAULO OLIVEIRA LOPES

2SAR Cav SÉRGIO IVO VIEIRA DE OLIVEIRA

2SAR Cav BRUNO MANUEL DIAS PENTRISCO

NOMEAÇÕES E COLOCAÇÕES:

COR Cav TIAGO MARIA R. C. ALMEIDA E VASCONCELOS, GabCEME.

COR Cav JOÃO MANUEL V. GONÇALVES FERNANDES, DD/CID.

TCOR Cav PAULO RENATO FARO GEADA, CID.

TCOR Cav JOSÉ MIGUEL MOREIRA FREIRE, EME.

CAP Cav PAULO AGOSTINHO RODRIGUES PIRES, AM

A Direcção da Revista da Cavalaria manifesta os sinceros parabéns a todos os militares de Cavalaria promovidos!

a) Graduado no Posto de Tenente

Momentos Bósnia-Herzegovina



TEN Cav PAULO FERNANDES
EPC